

O GLOBO  
SPORTIVO

ANO XIV • 16 - 2 - 1952 • Nº 679


CR. \$  
3,00

*Destino de*  
**CAMPEÃO**

**NÃO HA' MAIS  
CIGARRAS NO  
FUTEBOL**



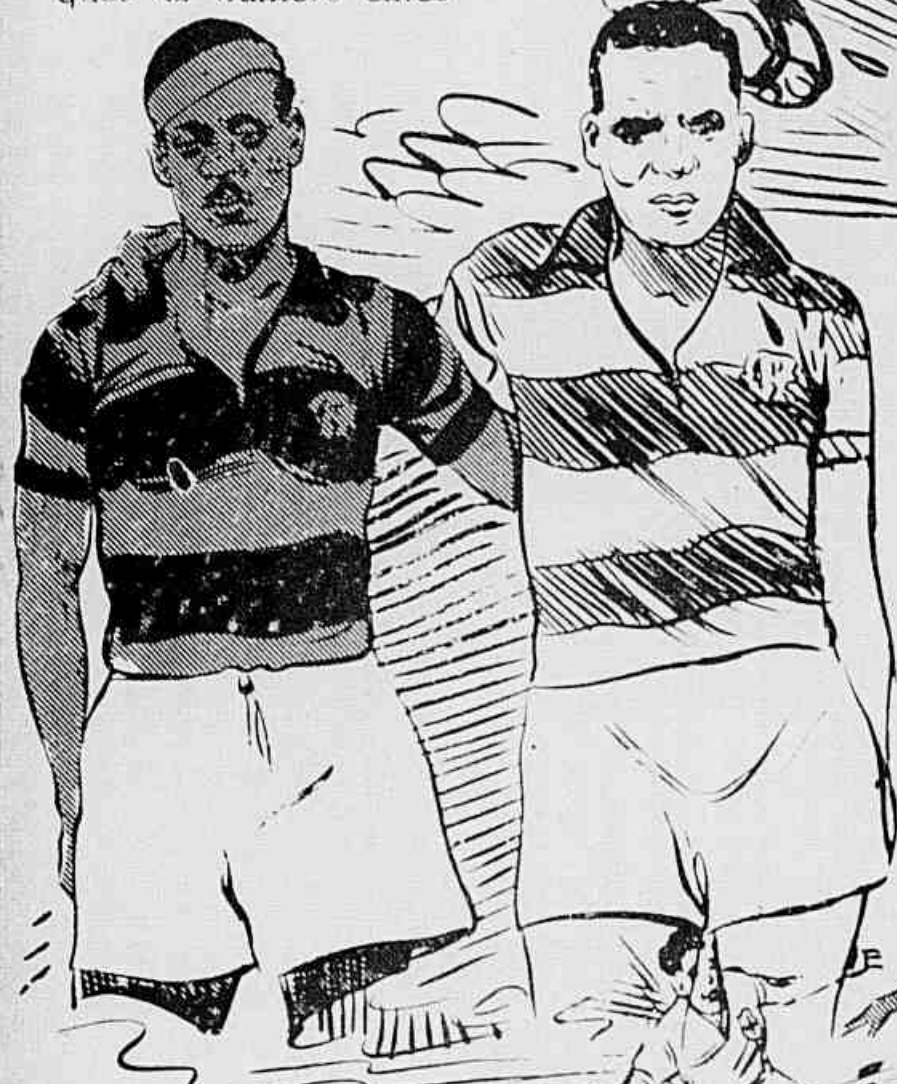
# MÉDIO




Mamedio Antonio da Guia, o Médio, nasceu em uma família de craques. Antes dele foram famosos Luiz Antonio e Ladislau. Depois dele surgiu e brilhou esse astro excepcional que foi Domingos da Guia. Todos irmãos de sangue, todos craques da número cinco.



Médio surgiu no Bangu, como todos os seus irmãos, atuando como center-forward. Mais tarde recuou para a linha média e foi como half esquerdo que ingressou no Flamengo e tornou-se campeão da cidade em 1939.



Foi como half esquerdo que Médio viveu a maior tragédia da sua carreira esportiva. Jogando contra os argentinos na Copa Roca de 39, Médio não viu a bola e ficou tonto entre Peucelle e Sastre, enquanto do outro lado Bioro também não via a bola entre Moreno e Chucó Garcia. Daí os 5x1 que os argentinos aplicaram a seleção brasileira.



Deixando o Flamengo, Médio voltou ao Bangu e depois ainda jogou como amador pelo Campo Grande, seu último clube oficial. Estava Médio já praticamente afastado do futebol quando voltou por um dia tragicamente ao cartaz do noticiário jornalístico. Premido por desgostos íntimos, Médio, que era soldado da Polícia Especial, resolveu desertar da vida. E no quartel daquela corporação pôs termo a sua existência com um tiro de fuzil, em 1947.



De JORGE LEAL

## DOIS DEOS DE PROSA

Esse torneio Rio-São Paulo está se caracterizando pelos seus surpreendentes resultados. E de surpresa em surpresa, o fato concreto é que o Botafogo foi o único a permanecer na liderança do certame, já agora absoluto no posto. O Glorioso, merecidamente, sem a ajuda dos seus falsos "craks de beca", logrou essa situação de destaque, qual seja a de bem representar o futebol carioca nesse magno certame interestadual. E se continuar realizando brilhantes exibições, reeditando a bravura do jogo contra o Santos e a indiscutível categoria do match frente ao Fluminense, por certo haverá de conservar-se liderando o pelotão de concorrentes. Time, estrutura básica e segura orientação não lhe faltam. Precisa é não se descuidar um só momento, pois aí está, ainda bem recente, o capítulo escrito pelo Madureira, roubando-lhe a chance de lograr a conquista de mais um título máximo metropolitano. E, principalmente, deixar a política de lado. O Botafogo ganhou na cancha, provando que também é das grandes vitórias dentro das "quatro linhas". Agora que é senhor absoluto da situação neste Torneio Rio-São Paulo chegou o momento propício, psicológico e moral, sobretudo moral, para esquecer as vitórias ridículas e dedicar-se única e exclusivamente em busca de novas e memoráveis façanhas reais, dentro do campo. O alvi-negro teve um exemplo frisante ao vencer o verdadeiro campeão carioca. Resta-lhe, portanto, esquecer definitivamente a existência de um jogador de nome GENUINO e partir para a conquista do certame interestadual. O mais importante, a partir deste ponto, deverá ser a conservação da liderança — invicta e sem ponto perdido — mesmo porque será bem melhor e digna a conquista do novo cetro ora em disputa do que o rediculo de uma decisão oficial que a critica e o público, evidentemente, não tomarão conhecimento...



## "MILIONÁRIOS"... DOS EMPATES!...

Houve um tempo em que se passou a chamar de "esquadrão-milionário" o time do Bangu. Influência dos grandes cartazes adquiridos, naquela revolucionária campanha de soerguimento, que por sinal prossegue violentamente. Já agora, porém, depois das exibições dos alvi-rubros no Torneio Rio-São Paulo, (Flamengo 3x3; Vasco 3x3 e São Paulo 2x2) dizem haver mudado o sentido da palavra. O "milionário", de antigamente, relacionava-se com a questão das cifras, dinheiro e mais dinheiro. Hoje em dia, quando muito, o esquadrão poderá ser "milionário"... dos empates!...

## ONDINO, O PROFETA

Recentemente, quando o Fluminense disputava com o Bangu a série melhor de três decisiva para o título máximo do campeonato carioca, diante do placard adverso daquele jogo em que Mendonça foi seriamente acidentado e Rafanelli também se contundiu, o técnico Ondino Viera surpreendeu a todos. E isto porque se saiu com mais uma de suas tiradas filosóficas: "No campo se faz, no campo se paga"; o autor, o mesmo de "O Campeonato é uma Guerra", estava longe de sonhar, todavia, que em curto espaço de tempo sua mais nova profecia integralmente haveria de ser confirmada. O Flamengo venceu o Bangu por 3x1, no Rio-São Paulo, e o alvi-rubro conseguiu um empate espetacular: na quarta-feira seguinte, o Bangu batia o Vasco por escorrelidico, quando os cruzmaltinos reagiram e lograram empatar pela mesma contagem. Isto é, 3x3. A saída do Maracanã, disse o irônico torcedor rubro-negro para o companheiro:

— E, Ondino Viera tem razão: "No campo se faz, no campo se paga"!...

## NESTE NÚMERO

	Página		Página
Bola na Rede.....	3	Destino de Campeões.....	14
Paradoxo do Futebol Carioca.....	4	Bilhetes do Leitor.....	16
Rodada do Maracanã.....	6	Os quadros campeões do Corinthians e seus principais feitos.....	18
Os argentinos do Racing.....	8	A maior intervenção de Dequinha e seu maior fracasso.....	18
Não há mais cigarras no futebol.....	10	Colheitas de Técnicos.....	20
Escândalo no Atletismo.....	10	Rodada do Pacaembu.....	22
Os atletas e o Coração.....	12	O Water-Polo merece mais público.....	24
Campeões Brasileiros de Tiro ao Alvo os Cariocas.....	12		

## FLUMINENSE, BOTAFOGO E GENUINO

Dizem que o sr. Carlos Martins da Rocha, o turbulento Carlito Rocha, ex-presidente do Botafogo, estava eufórico logo após o espetacular triunfo sobre o Fluminense, sábado último.

— Pois é, eles queriam ver vitória era dentro do gramado. E nós provamos que no "tapete" poderemos ser derrotados, mas no campo para eles não perdemos uma. Ai está o verdadeiro campeão carioca: o Botafogo, que venceu por 2x0, com soberba exibição!

Ora essa é muito boa!... Ninguém pode nem tem o direito de

negar ser a equipe do Glorioso uma das melhores do país. Também não se nega os seus sucessos diante do Fluminense, o campeão metropolitano de fato e de direito. Para o Botafogo, vencer o tricolor não é vantagem: difícil é se impôr sobre o outro tricolor, o suburbano; sim, o Madureira mesmo, com o Genuino para atralpalhar a "escrita"!

## FORMIGA VENCE PAVÃO

Pode parecer exagêro, mas é a pura realidade dos fatos. No Pacaembu, o Santos, que possui um centro-médio chamado Formiga, conseguiu vencer o Flamengo, por 4x1, embora o rubro-negro conte com dois bichos bem maiores em sua equipe. Biguá, como se sabe, é uma ave marinha e sobre Pavão não precisaremos nem falar.

— Como foi então que uma "formiguinha" só bastou para tontear "biguá" e derrubar quatro vezes um "pavão"?...

## A PERSEGUIÇÃO DOS SANTOS...

Há dois clubes contra os quais o ponteiro-direito Joel, do Flamengo, não consegue ser o mesmo dos outros matches.

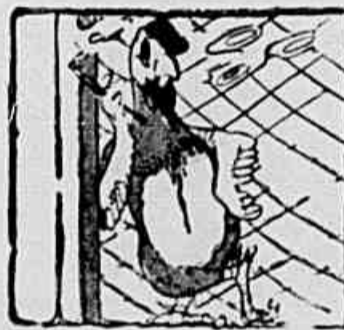
— E quais são eles?

— Um é o Botafogo, porque tem o Santos!

— E o outro, qual é? E por quê?

— O Santos, da cidade paulista de Santos. Influência do nome, certamente: a perseguição dos Santos...

## FRANGOS DE RAÇA



centro -avante Nicacio.

Eles têm sido tantos, nos últimos jogos, que seria até mesmo enfadonho enumerá-los. Os mais notáveis, contudo, foram os dois do arqueiro Osvaldo, do Bangu (aquele chute de Maneca, no jogo com o Vasco, lá do meio da rua; e depois o tiro de Alcino que ele defendeu e entregou para Maurinho empatar o jogo Bangu x São Paulo) e o de Garcia no Pacaembu, sábado à tarde. O guardião foi um espetáculo, constituindo-se na única figura de realce da turma rubro-negra, contra o Santos. Isto, bem entendido, depois de "contribuido" com aquele "galináceo" do primeiro tento adversário, da autoria do

Coisas da vida e dos "aviários"...

CURSOS POR  
CORRESPONDÊNCIA E  
FREQUÊNCIA

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> MOTORES A EXPLOSÃO    | <input type="checkbox"/> RÁDIO TÉCNICO   |
| <input type="checkbox"/> MECÂNICA DE AUTOMÓVEL | <input type="checkbox"/> TELEVISÃO       |
| <input type="checkbox"/> MECÂNICA DE AVIAÇÃO   | <input type="checkbox"/> ELETRO TÉCNICO  |
| <input type="checkbox"/> TORNEIRO MECÂNICO     | <input type="checkbox"/> DESENHO TÉCNICO |
| <input type="checkbox"/> QUÍMICA PRÁTICA       |  |

MARQUE COM UM X O QUADRADO RELATIVO AO CURSO QUE PREFERE.  
PREENCHA E REMETA O CUPÃO A

ESCOLA DE CULTURA TÉCNICA  
RUA VITÓRIA, 250 - SÃO PAULO  
E V.S. RECEBERÁ GRATIS O PROSPÉCTO DO CURSO

Gratis:

1 CARTEIRA DE IDENTIDADE - 1 DISTINTIVO - 1 MANUAL DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

NOME \_\_\_\_\_  
RUA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
CIDADE \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_

Escolha uma boa Profissão



CARLITO e BIRIBA já foram vitais ao Botafogo...

## PARADOXOS DO FUTEBOLO CARIOCA

DESDE os seus primeiros dias, até hoje, o futebol, a organização de um time, passou a ser coisa complexa, em que entram em jogo uma série de fatores, quase sempre com íntima ligação com o sucesso de uma equipe no campeonato. São as concentrações, os departamentos médicos, os técnicos, com a necessária autoridade sobre os jogadores, como complemento indispensável de seus conhecimentos técnicos. Isso tudo afeta os pequenos detalhes correlatos, tudo, enfim, de transcendental importância quando se fala no futebol dos nossos dias. Pois bem, e apesar de todos os clubes seguirem esse "standard" de organização, apesar do reconhecimento tácito de que tudo isso é necessário para colher-se vitórias em campo, há um clube carioca que parecerá um completo paradoxo. Falamos do Botafogo, e o leitor poderá ficar espantado disso, depois de ler acima esses detalhes todos. E concluirá que o Botafogo tem tudo isso, não havendo, pois, lógica em chamá-lo de paradoxo do futebol carioca. E para melhor conclusão ainda pode-se argumentar que o Botafogo tem mostrado capacidade técnica suficiente para ganhar partidas importantes, chegando inclusive bem colocado em todas as temporadas. E, mas nada disso impede que o Botafogo tenha que ser considerado um paradoxo, e tudo por uma série de fatos que são do conhecimento de muita gente, passam-se todos os dias, e no entanto não impedem que o Botafogo seja um grande quadro em campo.

### CONCENTRAÇÕES PARA INGLÊS VER...

DE fato o grêmio alvi-negro segue, aparentemente à risca, todas as formas de organização das equipes modernas. Não se esquece, por exemplo, em General Severiano, das concentrações, e vários têm sido os locais em que os jogadores alvi-negros têm sido reunidos para o repouso necessário ao bom desempenho nos jogos do campeonato. Todos os clubes fazem o mesmo e o grêmio da estrela solitária estaria apenas no caminho certo. Mas acontece que, ao menos quando Carlito Rocha era o presidente, os técnicos tinham ordem de dar alguma liberdade aos craques. Zezé Moreira, por exemplo, nunca se conformou com isso, e esse terá sido um dos motivos de sua saída de General Severiano. E sabe-se que outro técnico, dos mais jovens, mas de renome, chegou a estar em francos entendimentos com os jogadores, mas quando Carlito falou na liberdade aos jogadores o técnico fez a r que tinha uma idéia diferente da preparação do quadro de futebol. É claro que Carlito nunca mais procurou esse técnico. E assim a concentração dos botafoguenses existe, mas praticamente no papel, porque os jogadores ficam concentrados, mas com liberdade de ausentarem-se do local. O Botafogo andou por Petrópolis e outros locais, mas nenhum deles satisfaz, e, ainda na temporada passada, acabaram hospedados num hotel de Santa Tereza. E lembramo-nos de que, durante o dia, quando iamos à cata de reportagens, dos botafoguenses só um ou outro era encontrado. Concentração, praticamente, só mesmo para dormir.

O que vale é que todos os craques são unidos e enquanto houver mocidade há muito futebol.



LEVANTANDO AS SETE DA MANHA

**F**ALAMOS em dormir, no sono dos jogadores, e, por isso, vamos contar uma passagem interessante da vida alvi-negra, vivida numa das concentrações fora do Rio na temporada passada. A noite, à falta de outra distração, organizou-se animado jôgo de cartas, do qual participava o próprio técnico da equipe. E as horas foram passando, madrugada a dentro. Já era bem tarde quando vários jogadores, entre bocejos, resolveram terminar com a distração. Acontece, entretanto, que os jogadores é que estavam ganhando, razão da terminante recusa do técnico em dar por encerrado o jôgo. E assim as cartas estiveram sobre a mesa até às seis da manhã... O pior aconteceu pouco depois, pois que Carlito Rocha, de nada sabendo, chegou jovial, às dependências de seus "meninos". Ele sempre era pontual na questão do levantar, e às sete

pre pronto a marcar um goal decisivo. Assim é o Botafogo, um paradoxo do futebol.

QUANDO TUDO PODE SER MILAGRE

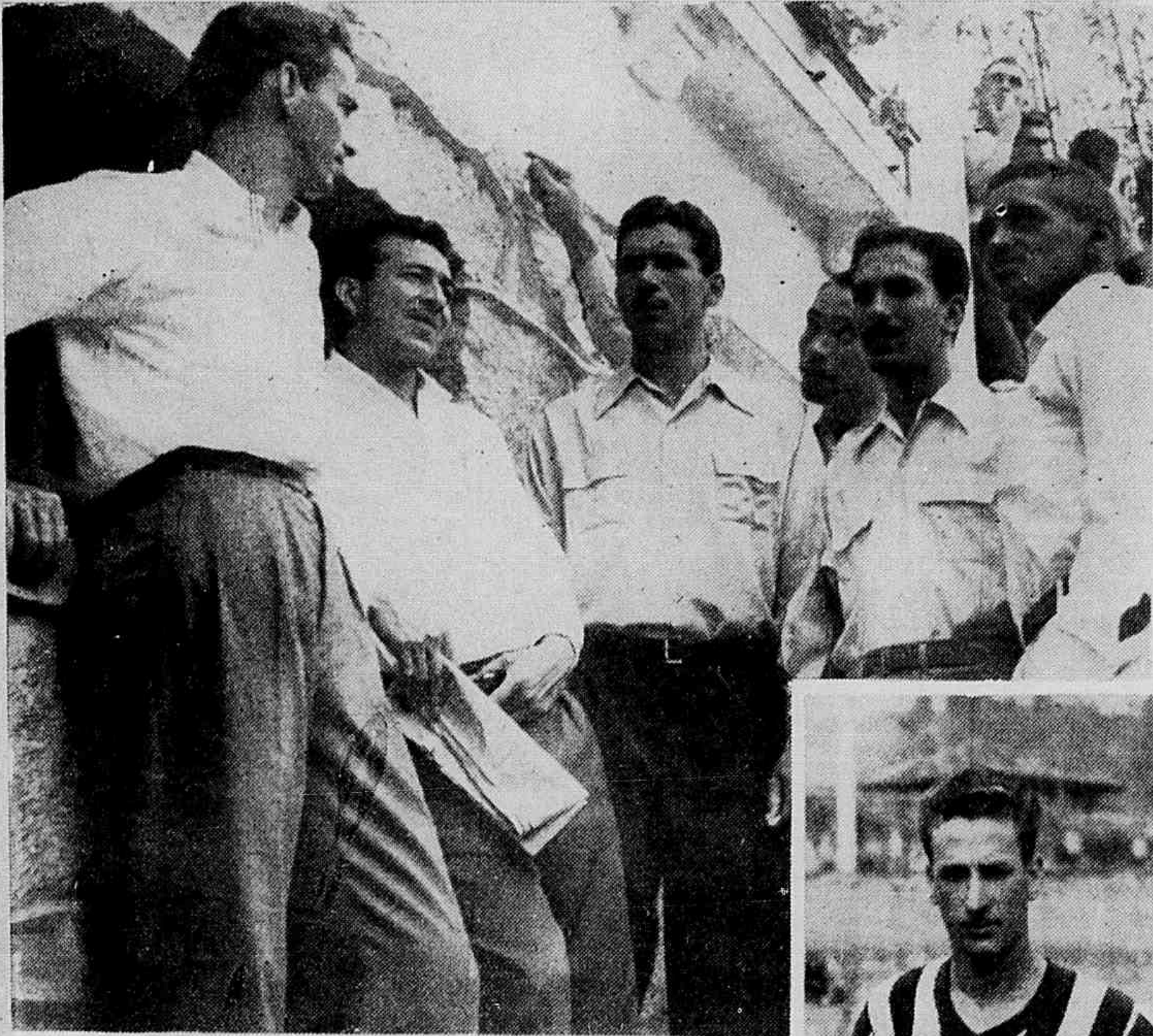
**P**ARA o ex-presidente Carlito Rocha tudo isso pode ser verdade, mas não tem importância nenhuma, pois que ele era o primeiro a achar que o rigor com os jogadores de nada adiantava. E depois, ele tinha uma série de remédios para evitar que o time perdesse. Inventou até o Biriba, e com ele levantou o campeonato de quarenta e oito... E quando estranhavam que ele se houvesse apegado por tal forma a uma mascote, exclamava: "Eu, mas nem conhecia o



**ARIOSTO**, responsável por várias vitórias botafoguenses.

Biriba..." E retratos do dirigente alvi-negro com o famoso cachorrinho, há aos montes. E para ajudar a fazer valer os sortilégios de sua mascote, Carlito não deixava que seus jogadores passassem por baixo de escadas e outras coisas mais. E quando o citado treinador que esteve em suas cogitações respondeu que deixava seus jogadores perfeitamente à vontade com respeito à religião, estranhou como um time pudesse jogar sem que todos tivessem ido à missa. Talvez a todos esses fatores Carlito deva as vitórias que conquistou e a colocação que chegou no campeonato, porque do contrário não se pode entender a atuação do quadro, face a tudo que se sabe por aí. Realmente, é o Botafogo um paradoxo do futebol carioca.

*Um flagrante da concentração em Petrópolis. No Rio nem sempre se encontram todos juntos na concentração.*



horas, sem um minuto a mais ou a menos, ia acordar todo mundo. Bateu as mãos com seu vozeirão, e não deixou nenhum na cama, olhando para os sonolentos e achando que estavam dormindo demais... Era dia de regressar ao Rio, para o jôgo, e o epílogo foi que naquele dia todos vieram dormindo até ao Rio, nos bancos do ônibus...

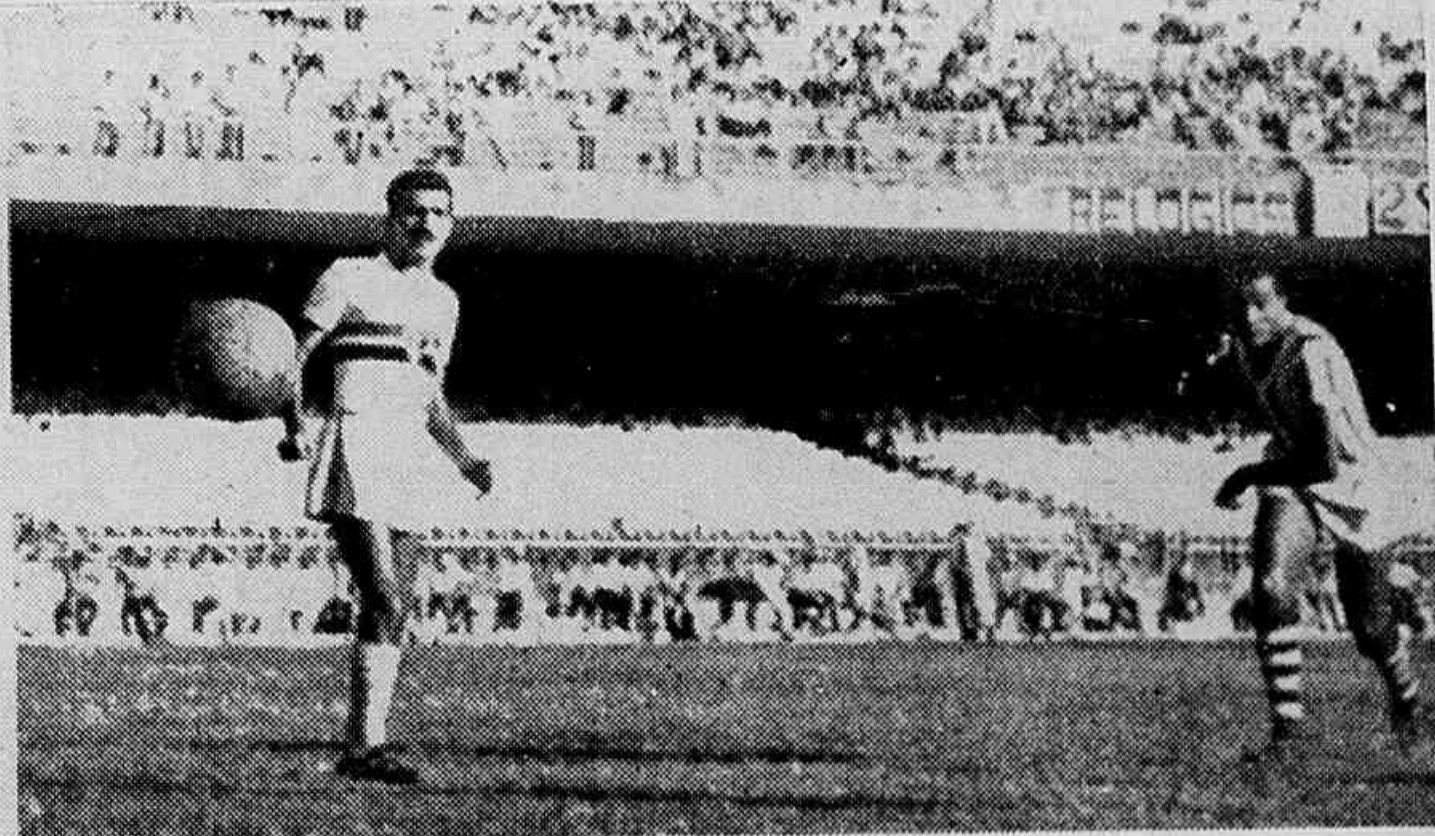
AFINAL, TUDO ACABA DANDO CERTO

**E** ASSIM, vivendo ao contrário do que mandam as modernas normas de preparação dos quadros de futebol, o Botafogo acabava atuando bem. Parecia até que era para mostrar que toda essa história de concentração não vale nada. Mas qualquer outro clube, por muito menos, acabava tendo maus resultados em campo. E o próprio Botafogo terá tido os seus prejuízos dessa fuga à trilha certa. Quem sabe se o caso do Madureira, que tanto trabalho está dando, não teve suas origens num caso esquisito desses? Bem poderá ser, mas nem por isso o Botafogo deixará de ser um paradoxo, porque um só jôgo bastaria para que ele fosse até campeão de fato, enquanto que durante todo o ano o ritmo de atividades do quadro de profissionais era esse. E apesar de tudo o Botafogo vence. Há ainda um caso especial como o de Otavio, que preferiu regalias a dinheiro. Pouco se compreende que um jogador tenha regalias, sem que isso influa nos outros jogadores, mas o fato é que Otavio não gostava de concentrações, e não ia mesmo. Mas como é um rapaz elegante, também não ficava em casa para dormir às nove da noite, e quem quisesse marcar encontro com ele, certamente, teria logo em mente uma das boites da cidade. Mas não tinha importância não, porque, quando chegava no dia do jôgo, ele acabava marcando um gol e estava tudo muito bem. Ou se não, aparecia Ariosto com seu pouco jôgo, mas sem-



*CARVALHO LEITE e os jogadores em dia de treino. Seu método de trabalho inclui alguma liberdade para os jogadores.*

# Categórica vitória do BOTAFOGO, em exibição excepcional, sobre o FLUMINENSE



➔ O interesse que o match entre o Fluminense e o Botafogo vinha despertando autorizava os prognósticos sobre a presença, no Estádio do Maracanã, de uma grande assistência. E esses prognósticos se acentuavam ainda mais pelo fato de que o novo cotejo corresponderia à oportunidade aguardada pelos tricolores de tentar a revanche da derrota do retorno do campeonato da cidade — e até mesmo como a oportunidade esperada pelos que ainda discutiam as possibilidades técnicas de cada equipe, desde que os fãs do clube das Laranjeiras mostravam-se inconformados com a produção da equipe naquele prelio sensacional e contavam em que em um novo confronto os comandados de Carlyle saberiam mostrar a verdadeira capacidade do quadro campeão.

Entretanto, apesar de todos os fatores e todas as circunstâncias que cercavam a realização do match, foi pequena a assistência presente ao prelio. E diga-se, a bem da verdade, que a partida merecia público maior a assisti-la, por isso que foi, sem dúvida, uma das melhores pelepas disputadas ultimamente no Estádio do Maracanã.

## A SURPRESA TRICOLOR

ESOS que viram atuar os dois quadros puderam sentir a surpresa tricolor. O Fluminense pareceu já haver entrado em ação temeroso da derrota. Começando logo guardando mais a defesa sem dar maior atenção ao ataque, como se fosse capaz de romper a sólida resistência da defesa alvi-negra, a melhor da cidade, apenas com Carlyle e Orlando agindo na linha de frente. Atuando recuado o Fluminense facilitou enormemente o trabalho do Botafogo, que agiu então no sentido de desmembrar aquela tática de marcação por zona realizando um jôgo de penetração pelas laterais, aproveitando a rapidez das escapadas de Geraldo e Braguinha, os quais se encarregavam de servir com passes longos o ataque bem armado e colocado diante da meta de Castilho, ataque que podia contar quase sempre com a colaboração de Arati, Ruarinho e Juvenal, já que Gerson e Santos bastavam para tomar conta de Carlyle e Orlando, os únicos avançados da ofensiva tricolor. Assim dispostas as coisas, começou o duelo entre a vanguarda alvi-negra e a defesa tricolor, esta tendo em Pinheiro a sua maior figura, secundado por Edison e Castilho, aquela trabalhando com muita energia e o goleiro produzindo grandes intervenções.

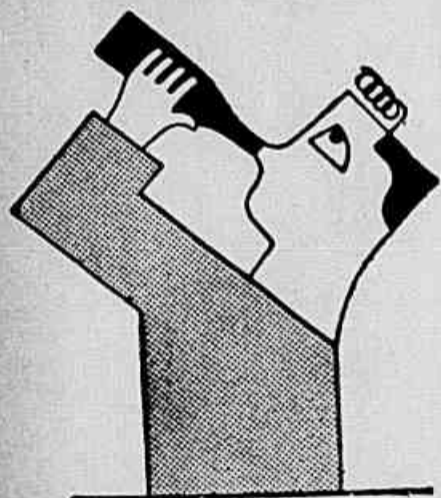
## O TRABALHO DE DESGASTE

NÃO teve pressa o Botafogo em tirar vantagem imediata do seu trabalho de desgaste e desmembramento da defesa do Fluminense. Embora bem armado, atuando com acerto, realizando grandes jogadas, com um desempenho conjuntivo excepcional, o Botafogo foi se impondo aos poucos pela classe e pela categoria. Perdeu boas oportunidades de marcar logo de início, mas não se precipitou em face dessa situação e continuou calmamente produzindo o jôgo de investidas rápidas pelas extremas, buscando a chance, tentando o gol. Este não veio na primeira fase — a despeito de que, apesar da tática de recuo, também o Fluminense teve algumas oportunidades perdidas.



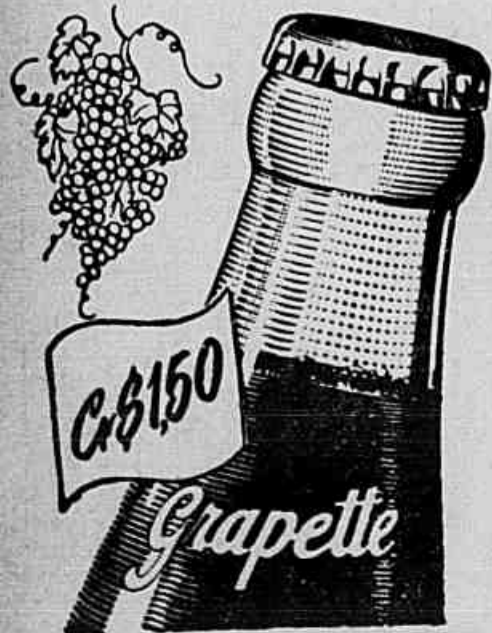
Duas intervenções esquisitas de Poy.

é uma uva!



# GRAPETTE

- produzida com uvas selecionadas do Rio Grande do Sul



## O BANGU, PELA SEGUNDA VEZ, DEIXOU ESCAPAR UMA VITÓRIA TIDA COMO CERTA

Veio, então, o segundo período e este mostrou o Botafogo ainda mais voluntarioso, mais categórico no jogo desenvolvido. Marcou dois tentos de magnífica feitura e ameaçou mesmo o campeão com uma derrota por contagem contundente. O Fluminense, que começara assustado, temeroso da derrota, tornou-se inferiorizado diante da melhor classe dos alvi-negros, e o desmantelo surgiu em suas hostes, havendo pouco entendimento entre as suas linhas, mas aparecendo apenas os os que ainda lutavam pelo seu peculiar espírito de luta. Não se pode dizer, realmente, que os tricolores se entregaram passivamente, mas diante da melhor atuação dos botafoguenses, categóricos impulsivos, dominadores, o jogo dos campeões tornou-se inoperante, inexpressivo, sem maiores possibilidades. Otávio abriu a contagem aos treze minutos e Zezinho, que substituiu Pirilo, aos vinte minutos, encerrou, com a conquista do segundo gol — tento que nasceu de tremenda falha de Pinheiro.



*Defesa de Castilho, numa entrada de Otávio.*

zona", que resume, afinal, o desmentido a uma afirmação antiga de que a melhor defesa é o ataque. A defesa do Fluminense não é tão sólida assim capaz de resistir ao assédio de um ataque bem orientado como a sua ofensiva de dois homens apenas não será sempre capaz de vencer a resistência de uma boa defesa — principalmente uma defesa como a do Botafogo.

### O BANGU DEIXOU ESCAPAR A VITÓRIA

**P**ELA segunda vez no Torneio Rio-São Paulo o Bangu deixou escapar a vitória que parecia certa. A primeira vez foi contra o Vasco. O clube de Moça Bonita estava vencendo com categoria, jogando mais e melhor. De repente, parou. A produção do quadro caiu quase verticalmente — e isso quando faltavam nove minutos para acabar o match. O Vasco sentiu a redução do trabalho do Bangu e tratou de reagir — e reagiu com bravura e energia. E atacando com extraordinária vontade de ganhar o jogo o Vasco marcou dois tentos, apenas dois (não houve tempo para mais) — que transformaram afinal a derrota de três a um em um honroso empate de três a três.

Enfrentando domingo último o São Paulo, no Estádio do Maracanã, o Bangu voltou a repetir o fato. Estava agindo bem, com autoridade, jogando mais e melhor do que o clube bandeirante. Sem muito trabalho, sem grande esforço, sem muito sacrifício, mas apenas atuando com acerto, desempenhando-se a contento, nascendo bem armado e voluntarioso, o clube alvirubro conquistou dois tentos. De repente, como se estivesse satisfeito, como se estivesse assegurado a vitória, o Bangu reduziu a intensidade do seu trabalho, a sua produção caiu quase a zero. Disso se aproveitou o São Paulo para melhorar a sua atividade, para aparecer mais combativo e mais enérgico, acabando por conquistar também dois tentos — e afinal o empate. Isso ainda no primeiro tempo.

*Outra intervenção do guardião tricolor.*

### VITÓRIA MERECEIDA

**A** VITÓRIA do Botafogo, confirmando o triunfo do match do retorno do campeonato, foi merecida — e merecida principalmente porque o Botafogo teve o mérito de mostrar que está capacitado para vencer os mais fortes adversários e que está em condições de superar o Fluminense pelo acerto do seu sistema de jogo, pela exploração das falhas dos tricolores em sua tática de marcação por

### MONÓTONO O JÓGO NO FINAL

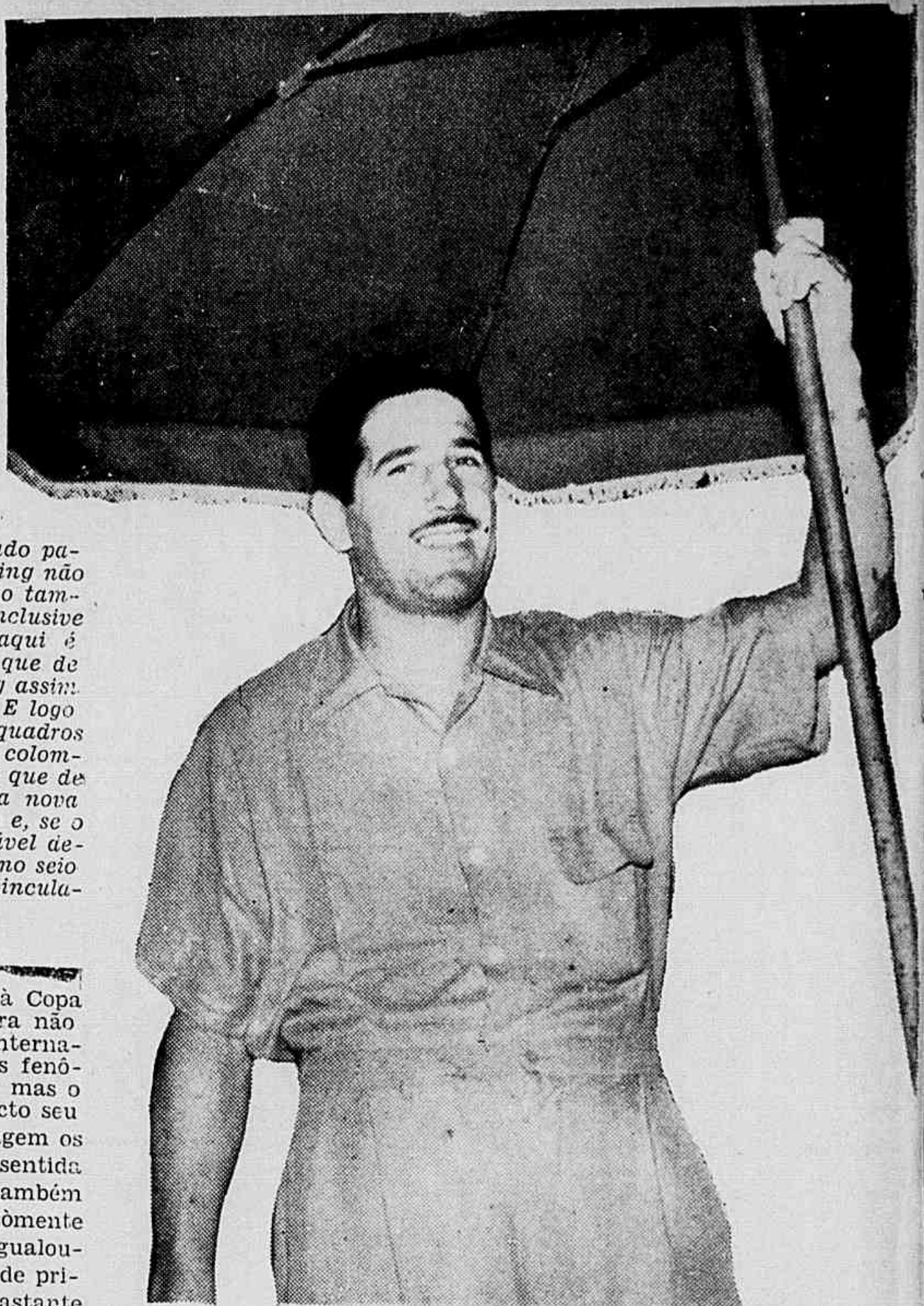
**N**A segunda fase o Bangu decepcionou mais ainda. Esperava-se que reagisse, esperava-se que lutaria novamente, que voltaria a procurar vantagem no marcador. Tal não aconteceu. O S. Paulo também acomodou-se. Todavia, procurou acertar as suas linhas para aparecer melhor em campo. Mas também nada fez para o placard, nada quis com o gol. A peleja tornou-se monótona, insípida, sem lances de epvergadura e de emoções. E assim terminou o prelio.

**PERÍODO DE TRANSIÇÃO NA ARGENTINA — ARGENTINOS DE AGORA E DE ANTES — OS PLATINOS QUE FICARAM**

**A** PÓS o hiato do rompimento de relações esportivas brasileiro-argentinas, o público já se fartou de assistir a uma série de espetáculos em que os argentinos foram, juntamente com brasileiros, os atores. Mas faltava uma récita de gala, e essa qualificação pode ser dada a oportunidade de ver jogar um tri-campeão. E como esse tri-campeão era o clube argentino do Racing, dirigido pelo veterano e famoso Stabile, muita coisa se pode considerar em torno dessa rápida estada dos platinos no Rio. Houve o jogo com o Fluminense, inclusive a vitória dos argentinos por um placard de três a dois. Perdeu o campeão carioca, representando o futebol brasileiro, mas não perdeu sem uma certa dignidade. De futebol a futebol, não se pode dizer que tenha ficado patenteada uma supremacia platina. Haverá o argumento de o Racing não ser a expressão máxima do futebol argentino, mas poderá ser dito também que o campeão carioca tem sofrido uma série de restrições, inclusive por alguns pecados da tática empregada. Mas o que nos move aqui é falar dos argentinos do Racing, é dizer que eles representam o que de melhor em futebol anda pelas terras do Prata. E de fato, o Racing assim o é, a expressão máxima do futebol da atualidade na Argentina. E logo virá o raciocínio ditado pelas derrotas do tri-campeão frente aos quadros colombianos, formados por argentinos. Realmente, no futebol colombiano há quadros mais fortes do que o Racing, pois que reúnem o que de melhor havia no association platino. Tanto da antiga, como da nova geração, os melhores craques fizeram as malas rumo ao Eldorado e, se o futebol argentino sofreu uma grande perda, tudo ficou irremediável depois que a F. I. F. A. resolveu receber a Liga Mayor da Colombia no seio da lei. Acabou-se a ilegalidade, e aqueles craques todos ficaram vinculados ao soccer colombiano.

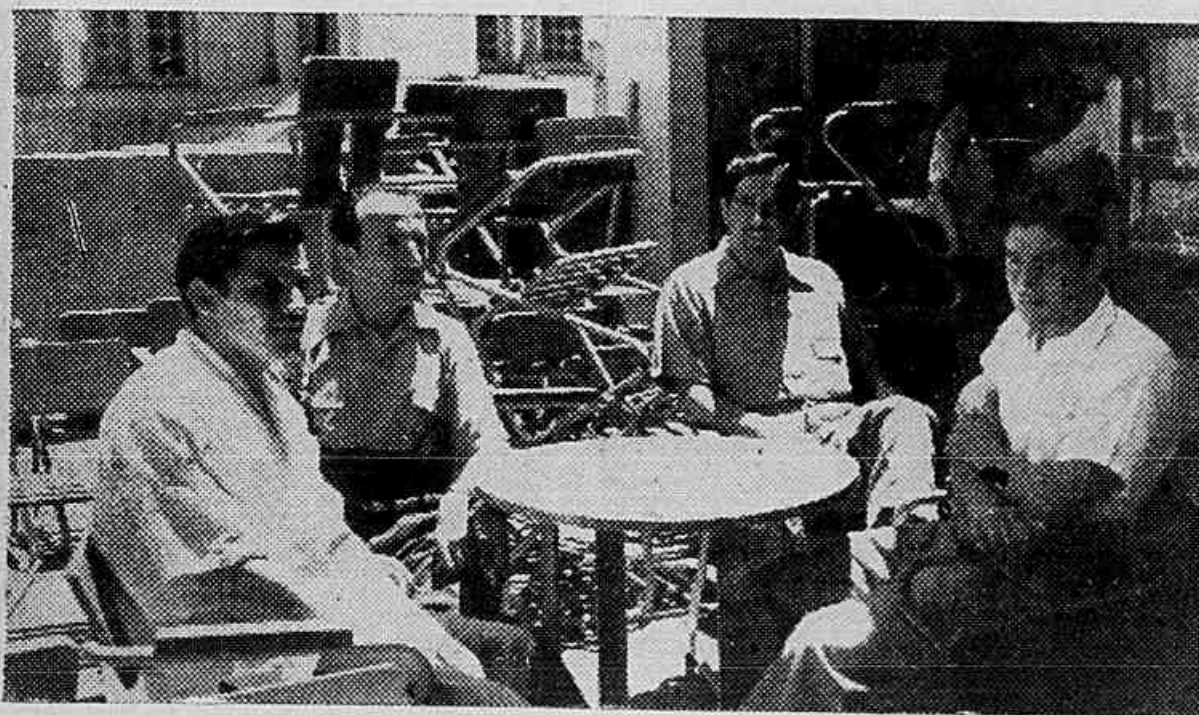
**PERÍODO DE TRANSIÇÃO NA ARGENTINA**

**E**SSA situação anormal, consequência daquela greve anterior à Copa do Mundo, é que levou a Argentina a procurar motivos para não cumprir suas obrigações internacionais, enquanto que, internamente, havia o fenômeno do tri-campeonato do Racing. Dizemos fenômeno, sem querer desmerecer as qualidades do campeão platino, mas o fato é que, sendo o único clube que conseguiu manter quase intacto seu plantel de profissionais, ficou armado para enfrentar com vantagem os demais grandes clubes. E como sintoma evidente da influência sentida pelos grandes clubes, com a fuga de seus maiores craques, vimos também um clube pequeno como o Banfield, ascender ao primeiro posto, somente cedendo terreno nas etapas finais do certame, até que o Racing igualou-se a ele, e na decisão do título, fez valer a classe de seus craques de primeira linha. Portanto, a situação atual do futebol argentino é bastante anormal, e o próprio Stabile reconhece que a Argentina precisa de melhores dias para seu association. Reconheceu e sorriu, completando que confia em que esse futuro estará bem próximo. Os novos valores estão começando a surgir e a questão é esperar mais algum tempo para que os celeiros do futebol platino possam produzir mais craques de alta categoria. Nos dias atuais, ainda têm os argentinos que contentar-se com veteranos como Boyé, que ainda é suficientemente ágil para levar o pânico a qualquer defesa. E além do famoso ponteiro há ainda um punhado de outros craques de categoria, como, por exemplo, o outro extrema, Sued. Essa foi a impressão geral do Racing, tri-campeão platino e representante do futebol vizinho.

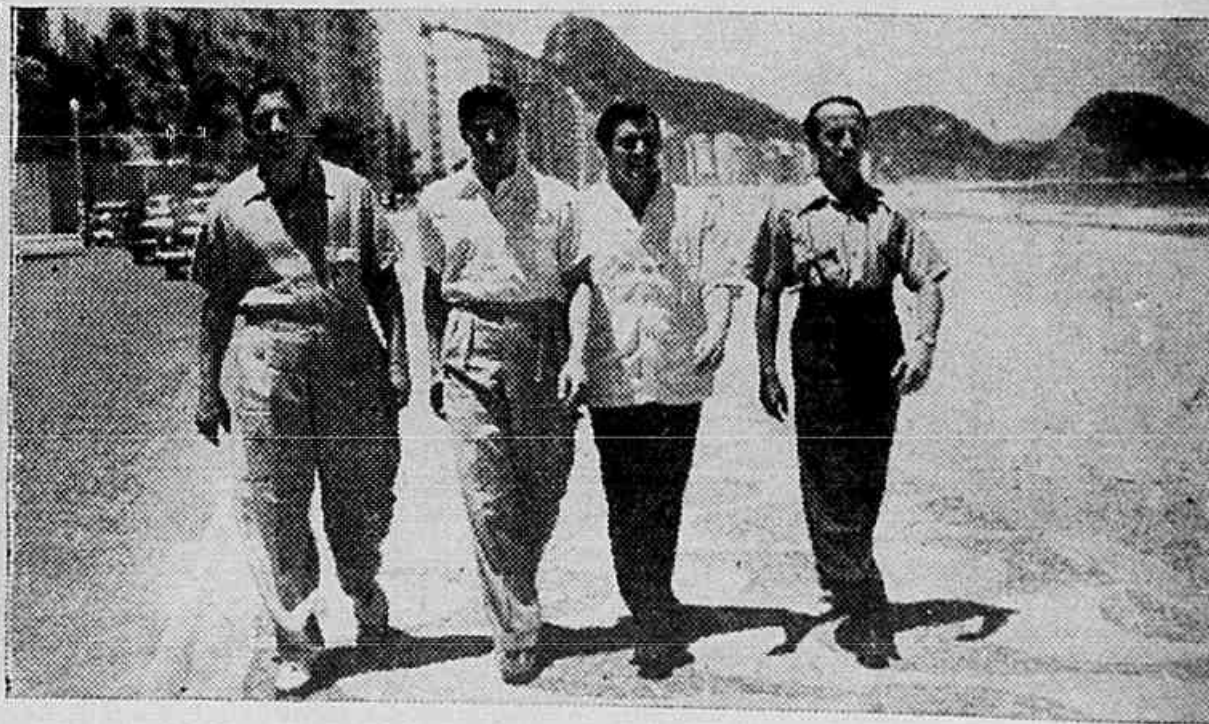


Rodriguez, um dos novos.

**OS ARGENTINOS**



Um famoso, Sued, aparecendo com o jovem Cupo, além de Rodriguez e Favali.



Copacabana é sempre a mesma atração para os argentinos. Houve até mesmo banho de mar, em doses moderadas.

ARGENTINOS DE AGORA E DE ANTES

**T**ODAVIA, o Racing, como quadro de futebol, é bem inferior a outras equipes platinas que nos visitaram antes do desentendimento entre dirigentes de cá e de lá. Aliás, o próprio Racing, que nos visitou em quarenta e oito, enfrentando também o Fluminense, era superior em técnica ao quadro que nos veio agora. A intermediária não veio mais com Fonda, e o famoso Ongaro, ambos do scratch argentino de então. Desta feita vieram Gimenez, Alvarez, Rodriguez, enfim, jogadores que ainda não eram conhecidos do público brasileiro. Formam uma boa retaguarda, mas sem a mesma classe daqueles elementos famosos de outrora. É claro que o quadro argentino, para voltar aos dias de antes, terá que esperar que surjam outros craques de primeira linha. No ataque, além de Boyé, Sued e Bravo, veio um garoto de dezenove anos apenas. A mais recente revelação dos gramados de Buenos Aires, o meia Cupo, anunciado como autêntica maravilha. Evidentemente é um jogador que possui qualidades técnicas, mas pelo menos por enquanto não pode ser considerado como maravilha. Faltava ainda falar em Simes, o craque mais caro da Argentina. Simes é um dos craques autênticos que o Racing nos trouxe nesta nova oportunidade.

OS PLATINOS QUE FICARAM

**A**LÉM desses craques que o tri-campeão argentino nos trouxe para uma mostra rápida, restam ainda em Buenos Aires vários dos famosos ases dos bons tempos, todos ainda em condições de fazer muito pelo futebol argentino enquanto não amadurece a nova geração. Falando no Racing, há ainda o próprio "Tucho" Mendez, o famoso dianteiro que se encontra preso por uma contusão e que deu oportunidade ao aparecimento do aludido Cupo no ataque dos campeões. Todavia, cremos que Cupo ainda deixa muito a desejar ao famoso "Tucho". Há lá, no River, os famosos Labruna e Loustau, que sôzinhos podem ser considerados verdadeiros espetáculos. Sem falar nos goleiros, posição que continua a ser o forte da produção platina. Aí estão os da atualidade, e que nada ficam a dever aos mais famosos de todos os tempos: Ongaro, Diano, Rugilo, Grisetti, e o não menos famoso Rodriguez, ex-guardião do próprio Racing, e que achou a política mais tranqüila do que o futebol argentino com suas últimas crises. Rodriguez foi eleito no ano passado, por uma província



O incidente Sastre-Feliciani repercutiu mal entre os argentinos do Racing.



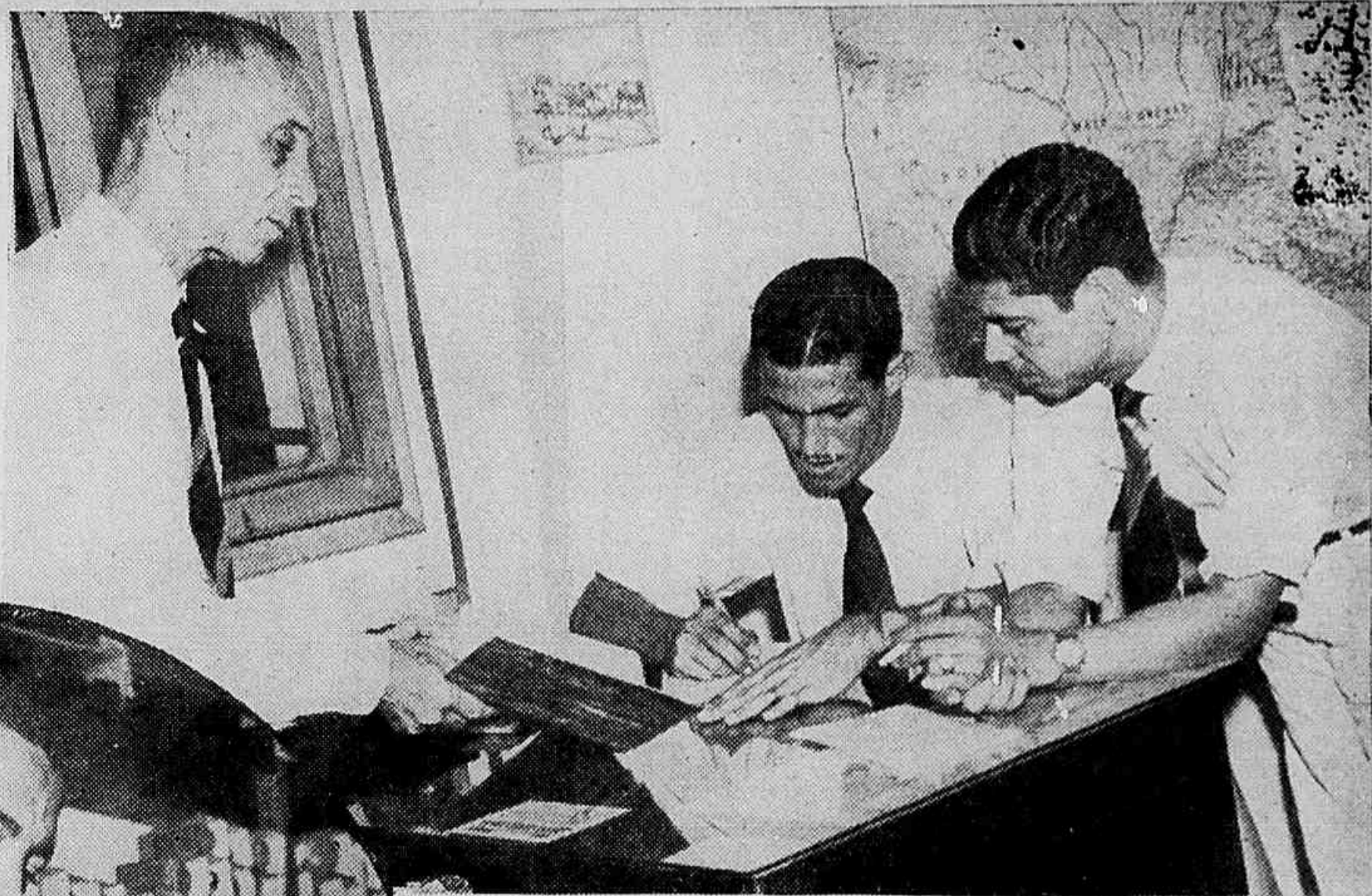
A revelação Cupo não convenceu muito no Brasil.

# DO RACING

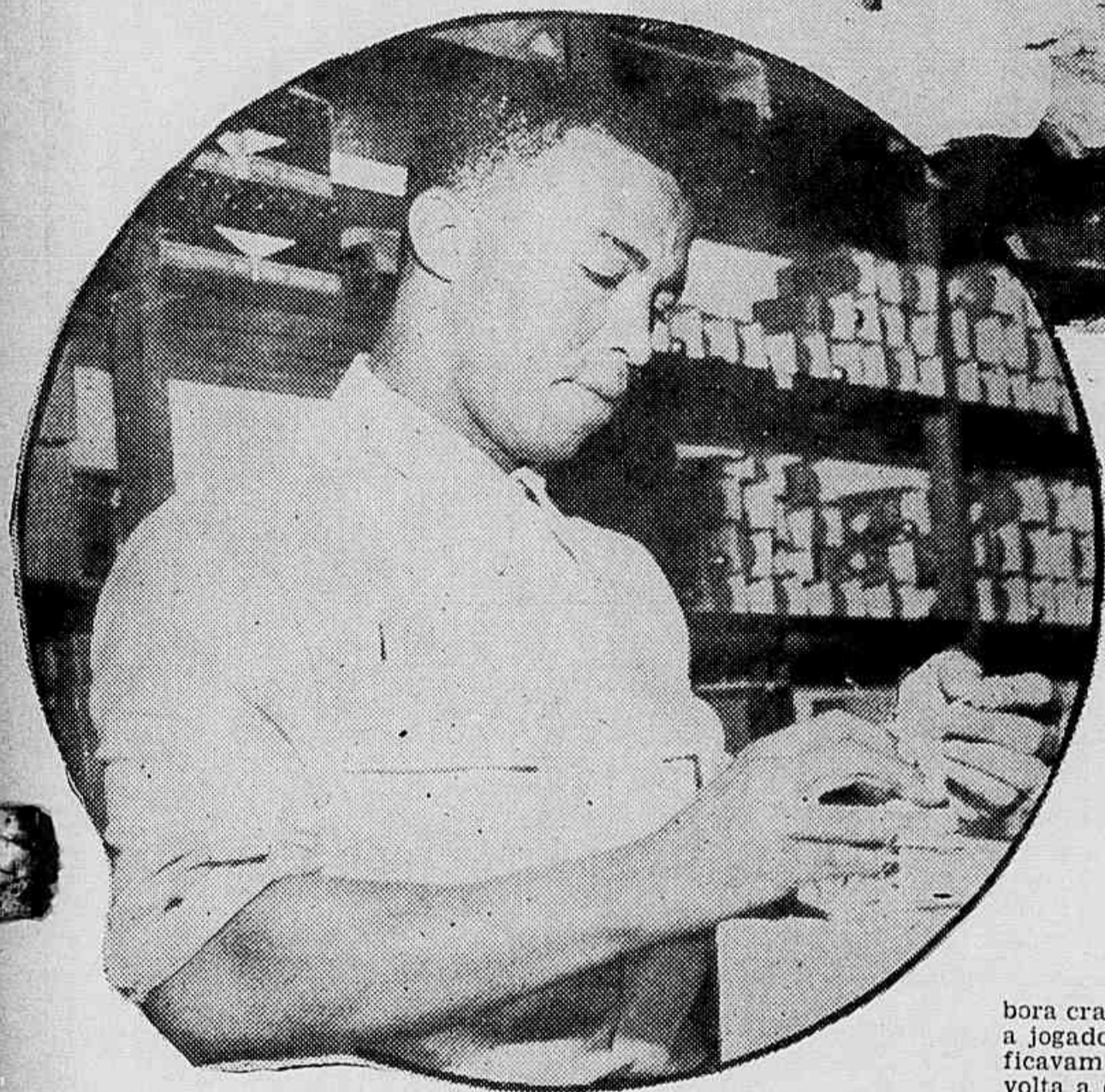
de seu país, e agora só pensa em política. Como se observa, e a palestra de Stable não deixou entrever mais nada, no momento, o futebol argentino está mais ou menos estacionado. Espera-se uma nova era, mas tudo ainda é incerto, impreciso, não nestes dias, como aquela torrente de craques, surgindo quase que diariamente por todos os cantos da Argentina. Mas de qualquer forma o técnico tantas vezes campeão ainda espera muita coisa do futebol de seu país.

Um detalhe interessante, falando do Racing: foi que não deixou de repercutir, de forma aliás intensa, o estranho acontecimento de que o Maracanã foi palco, certamente inédito no mundo, de um jogador agredir um companheiro de equipe. Oscar Sastre preferiu ficar famoso de outra forma que não a que deu glória internacional a seu irmão, o famoso Antonio Sastre. Stable mostrou-se desolado ao abordar o assunto, afirmando mesmo que aquela atitude incrível merecia uma punição muito séria, pois que, afinal, suas consequências atingiram, moralmente, a todos os desportistas platinos.

# Não há mais cigarras no FUTEBOL



Ademir é corretor e possui um escritório.



Bigode tem uma loja de radio e acessórios

ASSIM como o futebol tem evoluído em vários aspectos, acompanhando a marcha dos tempos, as figuras que dão vida e forma ao futebol, isto é, os jogadores, forçosamente teriam que acompanhar a evolução natural das coisas. A grande modificação que se vem notando entre os jogadores é a tendência para uma mentalidade totalmente diferente da dos tempos mais antigos. Recuando bastante iremos encontrar a maioria dos praticantes do futebol como simples amadores, quase sempre estudantes, de situação financeira de nível elevado, jogando pelo prazer de jogar. Mas em pouco, com a expansão do futebol e o crescimento do futebol, foi sempre crescente a fome de jogadores, cada vez mais necessário à formação dos onze de múltiplos centros do esporte. O amadorismo marron campeou então, pois nem sempre as qualidades de craque da pelota estavam entre os rapazes de vida independente. O profissionalismo foi uma necessidade, forçado pelo amadorismo marron, que acabou predominando no futebol. E como os jogadores, que outrora chegavam até a pagar para jogar, embora craques, começaram a valer dinheiro, com a conseqüente facilidade de acesso a jogadores de qualquer condição social, começaram a aparecer os jogadores que ficavam empolgados com aquela glória fácil, tanto mais atraente por vir de envolta a dinheiro não mais difícil. Quando se fala nessas coisas do passado sempre surgem as objeções quanto à insignificância dos ganhos naquela época. É claro que hoje os jogadores movimentam em torno de si verdadeiras fortunas, mas, dentro da relatividade das épocas, o futebol, com a implantação do profissionalismo, passou a ser uma fonte de renda fácil. E nunca se discutiu que ser jogador de futebol era uma profissão das mais desejáveis: a questão era saber chutar a bola. E, com o advento do profissionalismo, o aparecimento de craques foi sempre crescente, os contratos, guardando as proporções de uma época sem inflação, acabaram permitindo que muitos jogadores ficassem famosos por suas

RECENTEMENTE houve um grande escândalo em West Point, a academia militar dos Estados Unidos. Noventa cadetes, entre eles parte dos "astros" do seu famoso time de futebol, foram expulsos da famosa academia, "Alma Mater" de homens como Eisenhower, Bradley e Mac Arthur, por terem sido descobertos fazendo "cola" nos exames.

O escândalo foi grande, e suas reverberações foram sentidas desde a Casa Branca, em Washington, até a palhoça do último agricultor no Estado de Geórgia. Os rapazes foram acusados de violar o chamado sistema de honra que prevalece nos sagrados claustros militares da Academia, porém o assunto não parou aí, e agora começaram a surgir numerosas irregularidades que focalizam uma brilhante luz sobre todo o problema do esporte amador.

Ao dar-se curso à investigação do assunto da "cola" nos exames, viu-se que West Point não era exceção à regra que seguem quase todas as grandes Universidades dos Estados Unidos, em matéria de conseguir grandes atletas, a tróco de certas facilidades acadêmicas e financeiras.

Alguns dos rapazes expulsos da Academia disseram que as autoridades militares lhes ofereceram facilidades especiais para ingressar em West Point e que, em outras palavras, haviam comprado seus serviços atléticos para que formassem parte das equipes do grande centro docente às margens do pitoresco rio Hudson, instituição que é mantida com fundos públicos com o fim de preparar oficiais para o Exército dos Estados Unidos.

Mais ainda. Os atletas disseram que recebiam instruções especiais para prepará-los para os referidos exames de entrada, e que gozavam de outros privilégios não concedidos a estudantes de menor valor atlético.

De tudo isso reluz a hipocrisia do sistema de amadorismo. Não há maior hipocrisia no esporte do que o chamado "amadorismo". Entende-se que o atleta amador é um homem que faz esporte pelo mero prazer de fazê-lo, que não recebe recompensa econômica de nenhum gênero. Assim deveria ser, porém isso não é a verdade.

A verdade é que não há no mundo um verdadeiro atleta de renome que não seja profissional, se se aplica o sentido estrito da palavra. Por exemplo, todos os atletas das grandes Universidades e "Colleges" dos Estados Unidos, que se distin-

## Escândalo no

guem em sua especialidade, ou têm a matrícula paga por alguma bolsa, ou recebem subvenção direta ou indireta das associações de antigos alunos, que o que mais querem é que sua "Alma Mater" tenha equipes de vencedores.

Por esse motivo, procuram e tornam a procurar nos "Colleges" preparatórios ou nas "High Schools" os atletas melhores, e lhes fazem toda a classe de propostas atraentes para que vão completar seus estudos em tal ou qual Universidade.

Esse sistema é empregado em todos os esportes, exceto talvez o "baseball" e alguns esportes menores, porém no futebol, basquetebol e atletismo as Universidades se disputam ferozmente a matrícula dos atletas estelares. No "baseball" o profissionalismo acha-se tão arraigado e tão bem organizado que as Universidades não podem competir nem mesmo com as equipes de ligas de classificação menor, e é por isso que o "baseball" se tem mantido como o único esporte grande que não tem dado escândalos nos últimos trinta anos.

A nosso ver, deveria terminar toda diferença entre amadorismo e profissionalismo, mesmo nas próprias Olimpíadas. Todos os atletas que vão às Olimpíadas são subvencionados de alguma forma, ou pelos governos de seus países ou por entidades particulares, como se passa nos Estados Unidos.

Porém a verdade é que em todas as partes do mundo os atletas que se destacam vivem de suas faculdades musculares, e são protegidos e cuidados como crianças mimadas. São bem contados os atletas de calibre internacional que verdadeiramente têm de trabalhar para ganhar a vida.



Zizinho é sócio numa casa de retalhos de fazendas da Bangu

Veludo pretende uma loja de discos.

estroinices. O dinheiro era fácil, e aos poucos foi ganhando forma a associação de idéias entre futebol e boêmia.

### GLÓRIA E MISÉRIA DE GRANDES CRAQUES

**U**NS mais, outros menos, a maioria dos craques no alvorecer do profissionalismo não cuidaram de guardar o que ganhavam para prevenir os dias aziagos do inverno do futebol. Foram as cigarras que o público viu cantar até estourar. Alguns abriram os olhos a tempo, mas o que se viu, por exemplo, foi um craque do quilate de Fausto morrer na miséria. E mais recentemente Isaias também teve um fim dos mais melancólicos. Outros há que estão vivos por aí ganhando com sacrifício o seu sustento, porque as glórias do futebol só dão dinheiro quando ainda estão com o brilho forte dos dias de conquista. Depois são simples histórias do passado, lembradas às vezes com saudades, mas que nem por isso estão menos distantes. E já notaram a facilidade extrema com que as coisas do futebol passam para o rol dos acontecimentos distantes? Pois muitos aí estão, toda gente ainda sabe o que eles fazem, e, se pensáramos citar seus nomes, preferimos afinal lembrá-los apenas como as cigarras do futebol. Será um prelo à grandeza que tiveram no futebol, falar o menos possível o que eles hoje são. Por outro lado, dos previdentes, desses, sim, podemos citar nomes. E Domingos poderá ser um padrão do jogador que pensou no futuro. Pensou no futuro de seu futebol e pensou no futuro de depois do futebol. E, embora a seu tempo as luvas ainda não rendessem alto, Domingos foi transformando o mais que pode os seus ganhos de homem da pelota em imóveis e pequenos negócios. Não se pode dizer que haja enriquecido com o futebol, mas ao me-

nos não ficou na contingência de lutar para prover o seu pão de todos os dias. Outro poderá ser Leonidas. O Diamante Negro por pouco não teria que ser incluído no rol dos que pensaram que o futebol duraria sempre. Mas acordou em tempo e nos últimos anos de sua carreira procurou explorar o mais que pôde sua fama de jogador excepcional.

### E HOJE, OS MILIONÁRIOS DO FUTEBOL

**D**E ano a ano, vamos chegando aos dias de hoje. e quanto mais nos aproximamos de 1952, com seus milhares e milhões, com o custo da vida elevado infinitamente, mais depararemos com os craques que souberam economizar os cruzeiros que seus pés fizeram saltar aos montes. A geração que está agora quase em vias de findar seus dias de hegemonia foi fértil em jogadores que buscaram guardar e multiplicar os milhares de cruzeiros das luvas, ordenados e "bichos" polpudos. E surgem então verdadeiros milionários da pelota, homens que acumularam milhares e até milhões de cruzeiros à custa do futebol. Nenhum deles diz em quanto montam as respectivas fortunas, mas seus nomes podem ser apontados: são um Jair, um Ademir e um Zizinho. Nunca houve a preocupação de somar-se, jôgo após jôgo, mês após mês, os ganhos de cada um, mas só pela lembrança das luvas que têm recebido e do emprêgo que têm dado a esse capital de altas cifras pode-se calcular que são verdadeiros potentados do futebol. E se esses são os milionários do futebol dessa geração, haverá também os que não conseguiram cifras tão altas, mas que bem podem ser considerados ricos. O importante é demonstrar como mudou, de forma radical, a mentalidade do jogador do futebol. Da mesma forma por que evoluiu o profissionalismo, também os profissionais tornaram-se profissionais em toda a extensão da palavra. E como essa é uma profissã

que tem um limite de exercício, a conclusão generalizada foi a de que urgia aproveitar ao máximo o que rendia o capital de pés famosos.

### OS "BROTOS" APRENDEM DEPRESSA

**E** SE apontamos tudo isso da geração que ainda vive os seus últimos esplendores, o que falar dos que foram surgindo depois, e cuja maioria constitui a geração nova do futebol brasileiro. Hoje qualquer jogador custa de trezentos mil cruzeiros para cima e, logicamente, os preços-tetos dos ordenados têm que acompanhar essa valorização vertiginosa. Por isso, os jogadores de hoje, desde que começam a subir, desde os contratos de aspirantes, já pensam em guardar dinheiro; muitos vão logo aplicando os primeiros milhares de cruzeiros, e agora já se pode afirmar com quase certeza de exatidão que a grande maioria dos jogadores pensa assim. Os tempos são outros, a luta pela vida cada vez mais difícil, sendo comum ver um jogador que não se deixa impressionar, como outrora, pelo brilho fugaz das glórias. Valem mais as vitórias, o entusiasmo é sempre crescente, mas, passado aquele momento, o jogador moderno já está pensando na próxima partida, nos próximos campeonatos, fazendo os cálculos do quanto poderá durar a sua capacidade de fazer o público vibrar com as suas jogadas sensacionais. Isso é o que mais interessa ao jogador moderno. Poderá parecer mal esse exagero da nova mentalidade, mas o que indica a lógica é que seja um estímulo para o bom futebol, porque as grandes cifras somente são alcançadas pelos craques de alto quilate, e não haverá jogador que se descuide de sua forma física e técnica, sempre pensando em novas vitórias e contratos melhores. Gradativamente, fomos mostrando a espantosa transformação sofrida pelo jogador de futebol. Haverá, é certo, também cigarras modernas, mas essas farão apenas eco, já-mais farão córo...

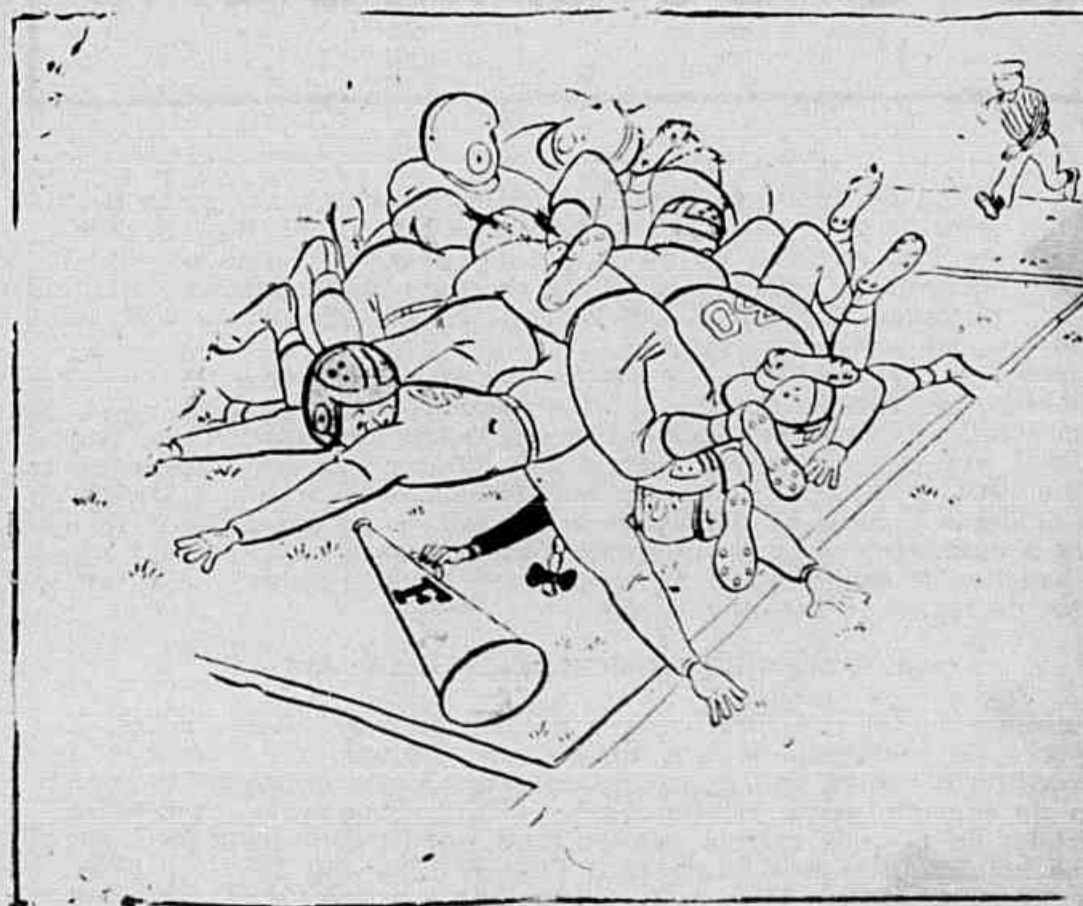
# ATLETISMO

Se tivessem que trabalhar, como a maioria de nós, para ganhar o pão de cada dia, deixariam de ser atletas de primeira linha e não poderiam fazer as duas coisas.

Tampouco se pode ser bom estudante e bom atleta ao mesmo tempo. Há algumas exceções que apóiam a regra porém acreditamos sinceramente que o que dizemos é a verdade em 95% dos casos. O remédio está em esquecer-se a distinção entre amadores e profissionais. Por-se-ia fim assim a toda hipocrisia que essa separação imaginária engendrou. O que se deveria fazer é o que fizeram as autoridades do golfe. Neste, em verdade, existe a divisão entre amadores e profissionais, porém é uma demarcação bem definida e, ademais, uma demarcação que permite a celebração dos chamados torneios abertos, nos quais competem tanto profissionais como amadores. Assim, há menos hipocrisia.

Nos Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires vimos atletas que, pelo espaço de seis meses ou mais, antes das competições, haviam passado a viver por conta do Estado. Vimos outros atletas, a quem conhecemos pessoalmente no profissionalismo, competindo como amadores por decreto presidencial de seu país.

O atual sistema nos parece uma solene hipocrisia, e quanto mais cedo as autoridades esportivas se dêem conta disso, melhor será para todos e especialmente para a moralidade no esporte. Nas competições internacionais, cada nação deveria estar representada por seus melhores atletas em cada esporte, sem tomar em consideração se ganham dinheiro diretamente ou se o recebem por baixo da mesa, pois as recentes revelações indicam que há mais honra entre os profissionais do que entre os chamados "amadores".





**F**AZ pouco tempo que "Cinco Jardas" McCarty foi enterrado. Ao seu funeral não compareceram muitos dos seus colegas do time de futebol da Universidade de Chicago. De modo geral, os fãs já tinham esquecido seu nome e os cronistas esportivos, à cata de informações sobre ele, recorriam aos arquivos. Em todo o caso os jornais publicaram extensos necrologios, descrevendo-lhe e exaltando-lhe as prodigiosas façanhas atléticas, e alguns "entendidos" resolveram pronunciar-se quanto à provável causa de sua morte: "Foi excesso de esforço. No fim mata todos eles. O coração não foi feito para os esportes modernos, e por isso é que MacCarty morreu tão moço, assim como Eckersall, George Gipp, Harry Greb. Essa gente não dura muito, hoje em dia."

Felizmente, esses "palpiteiros" estão enganados. Alguns atletas morrem jovens, mas também morre jovem muita criatura que só tem trato com os livros. Todos os membros do "All American", no último time de Walter Camp, homens da idade de McCarty, estão sobrevivendo a este. E para cada Eckersall ou McCarty há meia dúzia de Pudge Heffelfingers e A. A. Staggs, um vagão cheio de Honus Wagners, Connie Macks e Cy Youngs, e uns poucos como But Nelson, que serviu na guerra hispano-americana. Deste modo, podem ficar tranquilos muitos homens maduros, que ainda correm, jogam futebol, tênis etc. Positivamente, a

doença que muita gente conhece como "coração de atleta" não existe. O atletismo pode, se é que pode, alterar as dimensões do coração, mas um coração um pouco dilatado não é necessariamente doente. Mesmo nos casos de pequenas lesões, certos exercícios em doses apropriadas podem ser benéficos. A hipótese, que a idéia de "coração de atleta" encerra, era simples e plausível. O leigo sabia que é o exercício que desenvolve a musculatura do ferreiro, e raciocinava que os esportes, exercitando o coração, faziam com que este adquirisse um volume anormal. Uma vez cessados os exercícios o órgão afetado cobrir-se-ia de tecido gorduroso e inútil, tornando seu dono prêsia fácil de doenças cardíacas, pneumonia etc.

Os médicos em geral concordam em que um coração basicamente sadio não pode ser molestado pelo exercício. Fisiologistas que

atletas tendem a possuir o coração maior do que o homem médio. Sabe-se que corações dilatados são comumente patológicos. Mas não há prova de que o coração diferente dos atletas dê-lhes predisposição para as doenças cardíacas. Médicos alemães que examinaram os participantes da Olimpíada de Amsterdam, em 1928, observaram que os atletas do decatlon e os corredores de fundo eram os que tinham os menores corações, enquanto que ciclistas de longas distâncias apresentavam considerável dilatação. Em Filadélfia, patologistas americanos aprenderam que os remadores, cujo esporte impõe um terrível esforço ao coração, tinham corações menores do que os joga-



# OS ATLETAS

têm feito exames em pacientes levados ao mais alto grau de cansaço, não observaram nenhuma lesão permanente do coração que resultasse do excesso de esforço. Um eminente médico inglês, Sir Thomas Lewis, escreveu: "a carga imposta pelo esforço físico sobre um coração normal, por mais pesada que seja, nunca injuria as fibras do coração, nunca produz dilatação prejudicial... Consequentemente, não acreditamos que a participação no atletismo escolar, mesmo por longos períodos, predisponha alguém a dilatações cardíacas e à incapacidade que geralmente acompanha os que têm corações patologicamente dilatados."

Algumas pesquisas mostraram que os

dores de "base-ball", que relativamente têm uma vida mais fácil. Assim, a correlação entre o tamanho do coração do atleta e a violência de seu esporte parece estar em proporção inversa.

Alguém talvez possa ser um grande atleta pelo fato de ter um coração grande. O de Herb McKenley, recordista do quarto de milha, 15% maior do que o normal, e o do corredor de milha Gil Dodds, 12,5%. Existe a crença, que aliás não passa disto, de que os esportes de esforço físico continuado dilatam o lado direito do coração, enquanto os outros têm ação sobre o lado esquerdo.

As batidas do coração variam considera-

## CAMPEÕES BRASILEIROS DE TIRO AO ALVO OS CARIOCAS

➔ A cidade de Pôrto Alegre foi palco do 4.º Campeonato Brasileiro de Tiro ao Alvo, promovido pela Confederação Brasileira de Tiro ao Alvo, entidade que, desde a sua fundação, em novembro de 1948, tem dado ao tiro um desenvolvimento jamais observado, graças à experiência de seus dirigentes e sinceridade de propósitos que os anima.

Atradores representando as Federações do Rio, São Paulo, Rio Grande, Paraná, Estado do Rio e Minas Gerais, num total de mais de meia centena, lutaram denodadamente em busca do ambicionado título, que, afinal, veio mais uma vez para o Rio. Vencedores dos Campeonatos de 1948 e 1949, os cariocas perderam em 1950 para os paulistas. Desejosos de reconquistar o cetro de campeões brasileiros os metropolitanos se dedicaram a cuidadoso preparo, no que foram seguidos também pelos paulistas, gaúchos e fluminenses, especialmente os primeiros, que estavam desejosos de repetir a façanha de 50.

### OS VALORES NOVOS SE FIRMARAM

Nenhuma equipe concorreu sem a participação de valores novos. Era uma prova do progresso do tiro ver-se um punhado de veteranos em duelo com os novos valores que surgiam e que nesse campeonato se firmaram no conceito geral. De São Paulo Milton Sobocinski, extraordinário atirador de 17 anos apenas, venceu duas provas com segurança. Além desse os bandeirantes nos mostraram Luiz Artigas, um futuro carabineiro e Natalino Mastro Francisco, especialista em tiro rápido. Na equipe carioca Amaury Rocha, sagrando-se campeão de pistola, em igualdade

de pontos com o veterano e excelente Silvino Ferreira, firmou-se, definitivamente, no conceito dos técnicos. Além desse Luiz Novaes reafirmou suas qualidades notáveis para todas as armas e Guilherme Cavalcanti, atirando magistralmente, trouxe para o Rio o título de Campeão individual de tiro às silhuetas. O Estado do Rio compareceu com equipe numerosa de elementos novos, chefiados pelo veterano Roberto Cabral, que também se destacou superando vários recordes fluminenses. Dentre os do Estado do Rio destacaram-



De pé — Harvey Villela, Evandro Guimarães, Guilherme Cavalcanti, Antônio Guimarães, Luiz Novaes e Silvino Ferreira. Ajoelhados — Cesar Torraca, Amaury Rocha e Flavio Nascimento — campeões brasileiros de tiro ao alvo de 1951

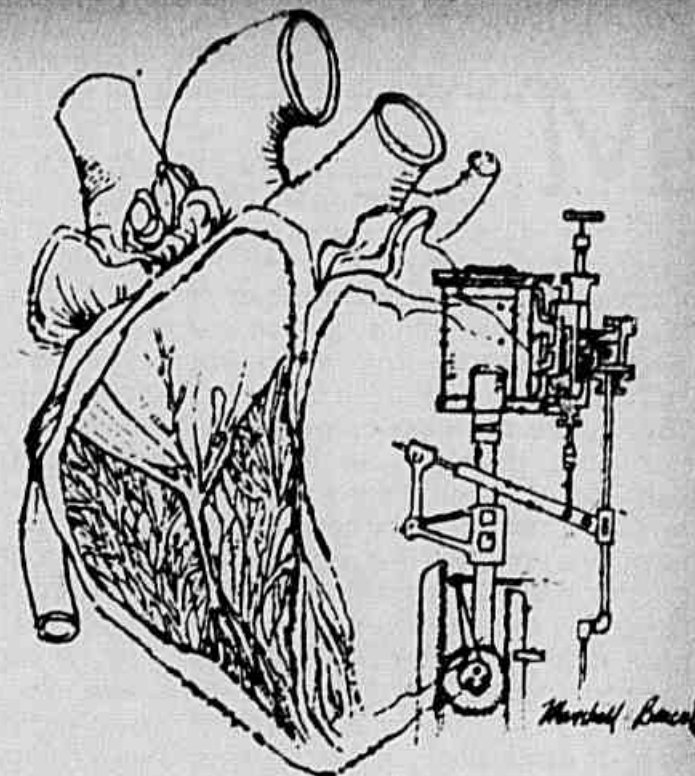
velmente de homem para homem, indo em repouso de 50 a 100 vezes por minuto. Médicos da marinha americana que examinaram mil jovens aviadores acharam a média de 64 pulsações, mas a variação foi de 38 a 110 por minuto. O exercício pode aumentá-las até 200, mas um atleta treinado pode conservar o pulso lento mesmo em árdua atividade, e em geral tem um número menor do que o não-atleta: Glenn Cunningham tem normalmente um pulso de 38 a 40, enquanto que Paavo Nurmi tinha 42. O pulso mais lento é o dos corredores de distância, e o mais rápido o dos levantadores de peso.

Quanto mais lento o pulso, mais eficiente é o coração. O do atleta não é lento porque seu coração é preguiçoso: "Com 50 pulsações, o coração do atleta médio faz circular mais sangue do que o do não-atleta com 80", diz o Dr. Arthur Steinhaus. Quanto

sadlos, e os cardiologistas estão aperfeiçoando um sistema de exercícios graduados, com o objetivo de melhorar o funcionamento de corações que apresentem certos tipos de lesão.

A opinião de que os esportes encurtam a vida de seus praticantes tem sido tantas vezes destruída que sua permanência chega a constituir um caso separado de longevidade. Há mais de 20 anos que o grande estatístico Louis Dublin estudou os registros de 5.000 atletas pertencentes a dez colégios, até 1905.

Por volta de 1925 cerca de 1.200 tinham morrido, mas pelas tabelas de mortalidade 1.300 deveriam ter sido enterrados. J. E.



veram uma média de cinco anos mais do que os colegas e os ainda vivos apresentavam um físico melhor.

# E O CORAÇÃO

mais lento o coração, maior é o repouso entre as pulsações: um pulso de 60 dá por ano cerca de dezoito dias a mais de repouso ao coração do que um de 80.

O exercício acelera o coração em vários graus. Quando estamos cansados, o mero fato de passarmos da posição sentada para a de pé pode elevar o pulso 44 batidas. Quando uma pessoa não treinada pratica esportes seu coração bate mais rapidamente, a fim de prover o oxigênio que seus tecidos necessitam; com a diminuição do intervalo entre as pulsações, chega-lhe o cansaço mais depressa do que para o veterano. É por isso que o atletismo está sendo em geral considerado um formador de corações

Morgan teve a oportunidade de analisar a biografia dos homens que remaram por Cambridge e Oxford de 1829 a 1859. Descobriu que tinham

vivido cerca de dois anos mais do que o inglês médio dessa época. As investigações de G. L. Meylan abrangeram um período de 50 anos em Harvard. Os remadores que tinham morrido vi-



se Fernando Bizoto e João Bizoto, inegavelmente dois valorosos atiradores de carabina. Os gaúchos nos reservaram um belo espetáculo com a apresentação de Romeu de Almeida e Arthur Wolf Filho, na prova de fuzil de guerra, onde conseguiram colocar-se respectivamente, em 3.º e 4.º lugares, com as extraordinárias marcas de 465 e 462 pontos. Os mineiros e paranaenses compareceram apenas com equipes de veteranos. Justo, porém, é destacar o reaparecimento, entre os paranaenses, de Amorety Ozorio, que já conquistou campeo-

natos brasileiros e agora volta à prática do esporte, bem como Eugênio Amaral, que integrou nossa delegação Olímpica a Los Angeles. Vicente Brito, outro paranaense que prática o tiro há algum tempo, conseguiu apreciável performance em pistola, com 509 pontos.

## ASPECTOS TÉCNICOS

Muito embora não tenham sido, individualmente, elevados os resultados, coletivamente esse objetivo foi atingido. Vários recordes, brasileiros e dos vários Estados concorrentes, foram superados diariamente, durante os oito dias do Campeonato. As condições climáticas impediram melhores atuações, de vez que o vento e a chuva prejudicaram grandemente o desenrolar das provas.

## RESULTADOS GERAIS

As diversas provas apresentaram os seguintes resultados:  
Pistola livre 60 tiros a 50 metros — 23 concorrentes — 1.º Amaury da Costa e Rocha (Rio) 525; 2.º Silvino Fernandes Ferreira (Rio) 525; 3.º Evandro Guimarães Ferreira (Rio) 523. Equipes: 1.º Rio 1573; 2.º S. Paulo 1534; 3.º Rio Grande 1532; 4.º Paraná 1358.

Carabina deitado a 50 e 100 metros — 24 concorrentes — 1.º Milton Sobocinski (S. Paulo) 584; 2.º Luiz Novaes (Rio) 582; 3.º Alberto Braga (S. Paulo) 581. Equipes: S. Paulo 1744; 2.º Rio 1736; 3.º Est. Rio 1721; 4.º Rio Grande 1679; 5.º Paraná 1570.

Revolver — 60 tiros a 50 metros — 27 concorrentes — 1.º João Conrado Wolf (Rio Grande) 518; 2.º Ademar Faller (Rio Grande) 511; 3.º Carlos Cyrillo (São Paulo) 506. Equipes: Rio Grande — 1.533; São Paulo 1.504; 3.º Rio — 1491.

Carabina 3 posições — 120 tiros — 26 concorrentes — 1.º Milton Sobocinski (S. Paulo) 1.112; 2.º Harvey Villela (Rio) 1.098; 3.º Alberto Braga (S. Paulo) 1.096. Equipes: 1.º S. Paulo — 3.303; 2.º Rio — 3.278; 3.º Rio Grande 3.076 — 4.º Est. do Rio — 2972.

Tiro às silhuetas — 60 tiros — 30 concorrentes — 1.º Guilherme Cavalcanti (Rio) 60/556; 2.º Luiz Novaes (Rio) 60/553; 3.º Alan Sobocinski (S. Paulo) 60/553. Equipes: Rio 180/1656; 2.º São Paulo — 180/1638; 3.º Rio Grande 179/1619; 4.º Minas — 178/1539; 5.º Paraná 144/1220.

Fuzil de Guerra — 60 tiros nas 3 posições — 24 concorrentes — 1.º Armando Braga (S. Paulo) 479; 2.º Harvey Villela (Rio) 479; 3.º Romeu Almeida (Rio Grande) 465. Equipes: Rio — 1.368; 2.º Rio Grande 1.359; 3.º S. Paulo 1.352; 4.º Paraná 973; 5.º Est. Rio 799.

## RESULTADO GERAL DO CAMPEONATO:

- 1.º — Fed. Metropolitana de Tiro ao Alvo — 37 pontos.
- 2.º — Fed. Paulista de Tiro ao Alvo — 34 pontos.
- 3.º — Fed. Sul Rio-grandense — 24 pontos.
- 4.º — Fed. Paranaense — 8 pontos.
- 5.º — Fed. Fluminense — 6 pontos.
- 6.º — Fed. Mineira — 2 pontos.



Os cariocas em Porto Alegre, no stand do Tiro 4, treinando para o Campeonato: Silvino, Novaes, Torraca, Guimarães, Cavalcanti e Villela.

**M**UITAS vezes pode acontecer que um campeão de futebol não seja exatamente aquilo que se espera de um campeão, isto é, um craque verdadeiramente consagrado, já de posse de laureis que o afirmem como um valor indiscutível no plantel do futebol nacional. Será um campeão, um craque indiscutivelmente, mas ainda sem a cancha necessária, sem a bagagem esportiva que comumente apresentam os campeões. Os exemplos serão inúmeros pela história do futebol fora, e representam justamente aquela parcela dos jogadores revelações que são logo aproveitados para resolver uma posição em determinado quadro titular. E o título de campeão será quase o batismo do craque que desponta. Todas essas considerações, o leitor já imaginou, foram inspiradas no campeão mais recente, o Fluminense que levantou espetacularmente o certame do ano passado, tanto pelo seu desenrolar como ainda pelas circunstâncias da "melhor de três" e do match extra em que o Botafogo queria fazer a sua chegada de campeão... E, de fato, é no time do Fluminense que vemos não um apenas desses exemplos, mas vários desses jovens craques que pisaram o gramado do Maracanã pela primeira vez no ano passado. É fácil enumerá-los e hoje todos já estão na boca da torcida, que os celebra como verdadeiros craques que são. Mas um Vitor, um Edson, um Lafaiete, e um Telê, tiveram pela primeira vez as sensações tremendas de ver toda a assistência do estádio vibrar pelo título máximo conquistado. E todos eles estão nas condições que descrevemos acima; certamente, dentro em breve, em campanhas próximas, conquistarão todas aquelas características que se crê sejam necessárias a todo campeão. Todavia, entre esses novatos campeões, há um rapaz que realizou uma proeza soberba, e que, contudo, está ameaçado de não poder manter-se como titular da posição em que foi campeão.

#### CUMPRINDO O DESTINO DE CAMPEAO

**F**ALAMOS mesmo de Lafaiete, cuja história até chegar aos dias de hoje, como campeão, é assaz interessante. Ele era um rapazola que estudava num colégio de Manhumirim, lá em Minas. Estudava e jogava futebol pelo time do colégio, e, como no interior o futebol é muito importante, dada a rivalidade esportiva entre os colégios, Lafaiete teve seu primeiro lucro com o futebol: ganhava de graça o curso, para jogar defendendo o colégio. Mas isso não era para durar muito, e parecia que terminaria aí a carreira de Lafaiete como jogador de futebol. É que ficou decidido que ele viria para o Rio a fim de continuar seus estudos. Sobre o futebol não havia planos e assim o craque do colégio de Manhumirim veio ser um estudante como outro qualquer. Cronologicamente falando, estamos agora nos princípios do ano de quarenta e sete. Os meses foram findando e Lafaiete estudava só, ou quase, por que sempre havia uma pedala nas horas vagas, para lembrar os bons tempos de Minas. Essa situação, entretanto, não ficaria definitiva, porque logo ele foi procurado por pessoas ligadas aos clubes cariocas.

Antonio Campos, por exemplo, que o localizou no Rio, sabendo que ele tinha um cartaz respeitável na sua cidade natal, convidou-o para ir até ao campo cruzmaltino. Andou treinando algum tempo com a camiseta vascaína, mas o ano chegava ao fim e, conseqüentemente, só se pensava em férias. Lafaiete, sem mais compromissos escolares, embarcou rumo a Manhumirim, deixando também de parte o Vasco. E quando retornou do descanso, não apareceu logo no Vasco. Então entrou em cena Ismael, que é seu conterrâneo. Ismael falara antes com Ondino e mostrou a Lafaiete que no Fluminense havia oportunidade de ser logo aproveitado. Treinou, Ondino e Oto gostaram e ele acabou ficando, ganhando logo o quadro juvenil, em que foi campeão naquele mesmo ano, jogando como zagueiro. Sim, porque Lafaiete sempre foi zagueiro, e como tal ficaria ainda durante muito tempo. Sua atuação como juvenil foi a melhor possível, pois que, integrante do quadro tricolor campeão da categoria naquele ano, foi como quase todos aproveitado, primeiro para o scratch carioca que conquistou o campeonato brasileiro de juvenis, e depois o selecionado brasileiro que foi a Santiago para sagrar-se campeão sul-americano da categoria. E Lafaiete participou de tudo isso, era já um campeão, até com um título internacional. E como muitos outros, ao voltar, recebeu a proposta de um contrato de aspirante, na base de seis mil cruzeiros de luvas e mil cruzeiros de ordenado mensal.

#### O CAMPEONATO E A RESERVA

**N**ÃO seria tudo, pois as glórias de juvenil não significavam forçosamente a vitória definitiva no futebol, e, por isso, Lafaiete passou a ser um integrante do quadro de aspirantes do Fluminense. Só isso, e daí para cá os tempos foram rolando sem que se notasse qualquer progresso na vida do jovem de Manhumirim. Era um bom "back", mas só para o quadro de aspirantes e, enquanto outros de seu tempo subiram logo, ele parecia fadado a ser a eterna revelação do famoso quadro de juvenis. Um dia teve a primeira chance de jogar no quadro de cima. Foi no Rio-São Paulo de mil novecentos e cinquenta, e essa estréia foi vitoriosa, pois o tricolor saiu vencedor por dois a zero; Pindaro fora submetido a uma leve operação e ele teve assim chance de entrar na zaga. Mas foi só para tapar um buraco, e continuou mesmo como aspirante, inclusive durante largo tempo do campeonato de cinquenta. O curioso é que não teria tido a oportunidade de ser campeão, não fora as dificuldades de Zezé Moreira para formar a linha média. Lafaiete nada tinha com a linha-média, mas depois que o técnico tricolor experimentou vários candidatos, sem que Jaiminho, Jair ou Nino houvessem satisfeito, resolveu tentar uma improvisação, tirando

# DESTINO de CAMP

Lafaiete da sua posição para lançá-lo na intermediária, ocupando a asa esquerda. Dentro do sistema tático do tricolor, não foi difícil, e, sem comprometer, a princípio, firmando-se depois, Lafaiete foi ficando, acabou mesmo sendo campeão. Mas, além de ser um novato campeão, Lafaiete nem ao menos poderia ser considerado titular da posição. Tanto assim que, tão pronto foi concretizada a contratação de Bigode, ficou logo a certeza de que o antigo tricolor que voltava às Laranjeiras retomaria seu posto

na intermediária do quadro campeão. Assim aconteceu e o campeão Lafaiete ficou mesmo na reserva. Uma situação original essa do jogador tricolor, mas que afinal consumou-se. Pelo menos por enquanto, a direção técnica das Laranjeiras considera que Bigode está mais capacitado para aumentar a solidez da intermediária, por seu longo tirocinio, e, na primeira oportunidade após o contrato, Bigode foi lançado. Todavia, esse detalhe não influiu no espírito de Lafaiete. O que lhe interessa é que soube cumprir a missão que lhe foi dada pelo técnico. Acabou-se o campeonato e seu trabalho pesou na balança da temporada. Agora ele sabe que para a posição voltou um craque e ele, que estava ali improvisando, cedeu seu lugar. Nem por isso deixará de ter o título de campeão, embora seja um campeão na reserva. Lafaiete, contudo, está satisfeito com sua sorte, e nem tem razão para desanimar, pois que, para a

sua idade, até que tem bastante títulos conquistados, e, se os campeonatos de juvenis não bastassem, aí está o de campeão da cidade. Agora é esperar que o Fluminense precise d'ele outra vez, e, isso acontecendo, o técnico saberá que pode contar com um elemento de grande capacidade para utilizar em qualquer situação, por mais difícil que ela seja. Assim, é Lafaiete um verdadeiro campeão, mas um campeão na reserva...



Lafaiete arranhou uma vaga de half esquerdo, depois de ter começado como back direito. Ele terá um lugar no quadro, pois não lhe falta força de vontade.

DEÃO



Uma cousa...



...exige outra



Polvilho  
Antisséptico  
GRANADO



Dejaire num desenho de Ronald Barros, de Curitiba.

**CARLOS EDUARDO NOVAIS** — Distrito Federal — 1) — A procedência dos atuais titulares do Botafogo é esta: Oswaldo, do Ipiranga, de Niterói; Gerson, do Cruzeiro, de Belo Horizonte; Santos, de um clube avulso da Ilha do Governador; Araty, do Madureira; Ruarinho, do Internacional, de Porto Alegre; Juvenal, do Cruzeiro, de Belo Horizonte; Paraguaio, do Olimpia, de Assunção; Geninho, do Cruzeiro, de Belo Horizonte no tempo em que ainda se chamava Palestra Italia; Piriolo, do Flamengo; Otávio, do Fluminense; e Braguinha, do Cruzeiro, de Belo Horizonte; Zezinho, do Rio Branco, de Vitória; Ariosto, do Canto do Rio; Richard, do São Cristóvão e Jarbas, do Olaria. 2) — No campeonato do mundo de 1930 o Botafogo deu Nilo, Carvalho Leite e Benedito para a seleção brasileira. No campeonato de 34, todos os jogadores do selecionado brasileiro eram contratados do Botafogo. No Campeonato de 1933 o Botafogo deu Zézé Procópio, Martim, Perácio, Patesko, Nariz. 3) — Rejeitados os seus desenhos de Danilo, Edson e do joguei E. Castilho.

— : —

**CARLOS ROBERTO DE LIMA** — Campinas — São Paulo — 1) — O ordenado padrão do Vasco era de 7.000 cruzeiros. Agora não sabemos mais quanto é. Jorge firmou novo compromisso por 12.000 cruzeiros, mas Barbosa, Ely e Maneca estão relutando em renovar por 15.000 mensais. De qualquer forma o que o Conselho de Benemeritos do Vasco resolveu é que o ordenado máximo será de 15.000 cruzeiros. 2) — No torneio dos Campeões em 1948, no Chile, o Vasco contou com estes jogadores: Barbosa - Augusto e Rafanelli (Wilson) - Ely - Danilo e Jorge - Djalma - Ademir - Friaça (Dimas) - Lélê (Ismael) e Chico. 3) — Até agora o jogador mais caro do Brasil incluindo passe, luvas e ordenado é Zezinho, quando se transferiu do Flamengo para o Bangu.

# BILHETES

**MOACIR O. FRANCO** — Uberlândia — Minas — 1) — O Fluminense foi campeão invicto nos anos de 1908, 1909 e 1911. 2) — Os dois ponteiros da seleção brasileira no jogo da Copa com os uruguaios foram Friaça, na direita, e Chico, na esquerda. 3) — O time do Fluminense no jogo em que levantou o super-campeonato de 1946 formou assim: Robertinho - Gualter e Haroldo - Pascoal - Telesca - Bigode - Pedro Amorim - Ademir - Caraca - Orlando e Rodrigues. 4) — Rejeitado o seu desenho de Pedro Amorim.

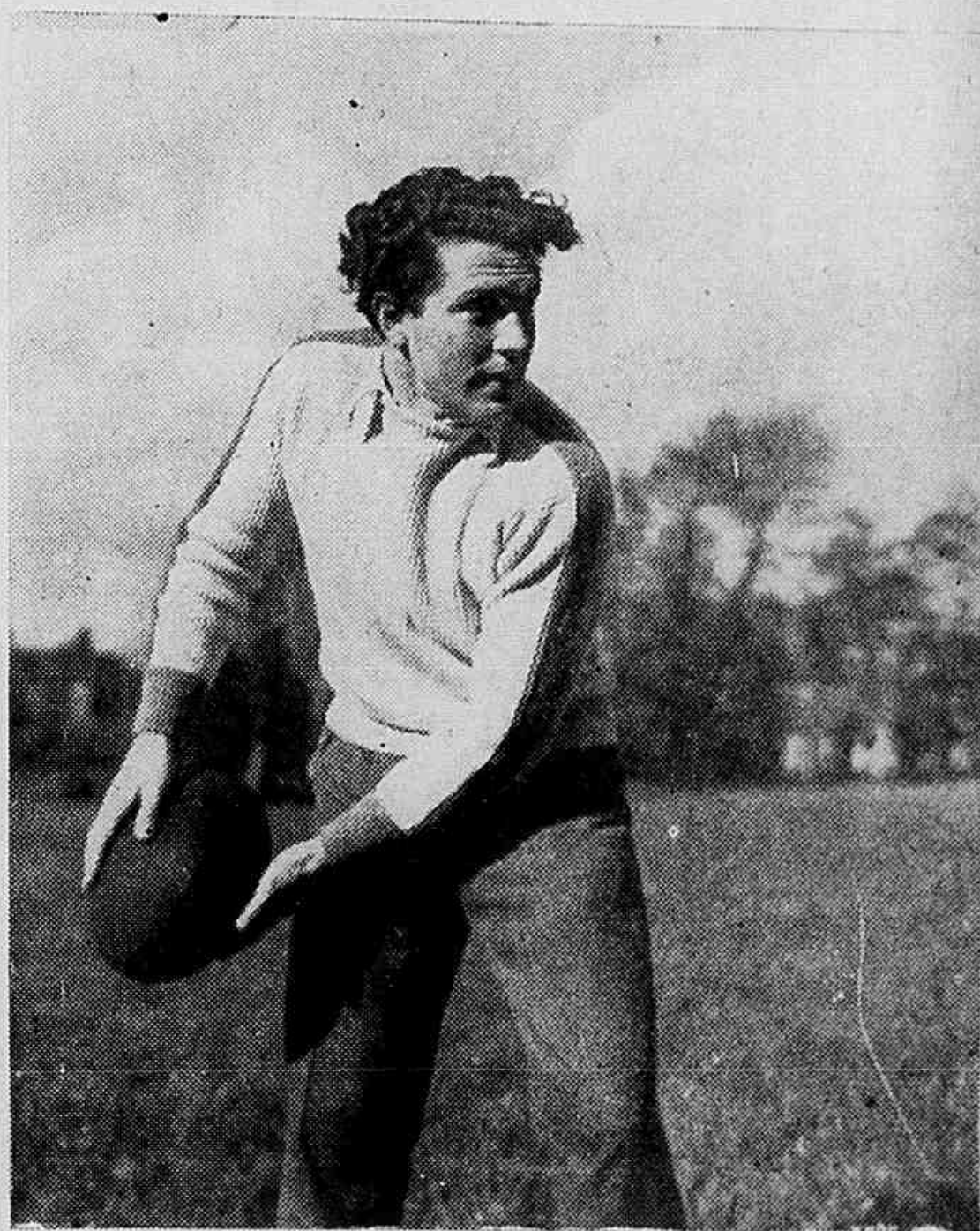
— : —

**MESSIAS LUGON** — Vitória — Espírito Santo — Na fila para publicação oportuna os seus desenhos de Castilho, Dequinha, Geninho, Dimas, Zizinho, Nestor, Edson e Esquerdinha. Rejeitados os de Jair (muito "matado" o alto da cabeça) e Biguá (com as mãos monstruosas agarrando a bola).

**ELMO DE ALMEIDA FABRES** — Itaqui — Rio Grande do Sul — 1) — O Estádio do Maracanã tem doze cabanas de rádio. 2) — O nome por extensão de Bovio é Elmo Bovio. 3) — Cremos que ainda é o Vasco o clube financeiramente maior. 4) — O nosso diretor faz questão de frisar que não tem clube.

— : —

**LUIZ FERRAZ DA ROCHA** — Salvador — Bahia — 1) — As idades pedidas são: Claudio 26; Hermes 26; Adãozinho 26; Friaça 27; Wilson 24; Ernani 23; Edmur 22; 2) — O técnico do Vasco em 1923 era Ramon Platero e em 1929 era Harry Welfare. 3) — Os campeões sul-americanos de 1945 e 1949 foram estes: 1945 — Argentina, em Santiago do Chile; 1946 — Argentina, em Buenos Aires; 1947 — Argentina, em Gualaquil; 1949 — Brasil, no Rio de Janeiro e em São Paulo. 4) — Na fila para publicação oportuna o seu desenho de Edson, do Fluminense.



**FORÇA E SAÚDE** — Kieron Moore, que estrelará "Santos e pecadores", da "London Films", é um jovem irlandês de 23 anos, cuja maior ambição é continuar a representar papéis de moderno herói romântico. Aqui está ele exercitando-se para estar sempre em forma.

# DO LEITOR

De CARLOS ARÉAS

**JOAQUIM PORTO** — Gra-  
jau — Rio de Janeiro — 1) —  
O quadro do Brasil campeão  
sul-americano de 1949 contou  
com estes valores: Barbosa -  
Augusto e Wilson (Mauro), Ely  
(Ruy) - Danilo (Bauer) e No-  
ronha - Tesourinha (Claudio)  
- Zizinho - Otavio (Ademir)  
- Jair e Simão. Também jo-  
garam frações de jôgo: Os-  
waldo (do Botafogo) Bigode,  
Santos, Nininho, Orlando e Ca-  
nhotinho. 2) — O campeoa-  
to desse ano de 1949 terminou  
empatado entre Brasil e Pa-  
raguai com uma derrota ca-  
da. O Paraguai perdeu para o  
Urugual por 3 x 2 e o Bra-  
sil perdeu para o Paraguai por  
2 x 1. No jôgo desempate o  
Brasil arrasou os guaranis por  
7 x 0.

— : —

**MARIA ELIZABETH MENE-  
ZES** — Aracaju — Sergipe —  
A sua sugestão para criação  
do "Album do Futebol", com re-  
tratos dos jogadores, a exem-  
plo do "Album do Rádio" foi  
encaminhada ao secretário.

**ARTHUR DAMIAO** — Rio de  
Janeiro — 1) — Nas Olímpi-  
adas de 1936 a seleção de bas-  
quete do Brasil disputou qua-  
tro jogos com estes resultados:  
Canadá 24 x 17 Brasil; Chile  
23 x 18 Brasil; Brasil 32 x 14  
China; e Polônia 33 x 25 Bra-  
sil. 2) — Integraram a equi-  
pe nacional nesse ano de  
1936: Balano e Waldemar —  
Martinez - Albano e Nelson  
de Souza - Pavão, Chacon,  
Monteiro. 3) — Nas Olímpi-  
adas de 1948 o Brasil jogou cin-  
co partidas na fase de clas-  
sificação vencendo tôdas: Hun-  
gria 45 x 41; Urugual 36 x 32;  
Inglaterra 77 x 11; Canadá  
57 x 35; e Italia 47 x 31. Na  
parte final o Brasil jogou três  
vêzes, tendo derrotado a Tche-  
co-Eslováquia por 28 a 23 nas  
quartas de finais, perdendo pa-  
ra a França por 43 x 33 nas  
semi-finais e derrotando o Mé-  
xico por 52 x 47 na decisão  
do terceiro lugar.

**Aos leitores em geral:** — O  
leitor N. Silva — rua do Mat-  
toso 133, quarto 10 - Rio de  
Janeiro — tem para vender  
uma coleção da nova fase de  
"O Globo Sportivo", do n.º 623  
ao 677.

— : —

**DIOGENES LAMEIRAO** — Ri-  
beirão Preto — São Paulo —  
1) — Friedenreich jogou até aos  
40 anos, tendo estreado em  
1909, no Germania. 2) O último  
clube do famoso "El Tigre" foi  
o Flamengo, do Rio, em 1935.

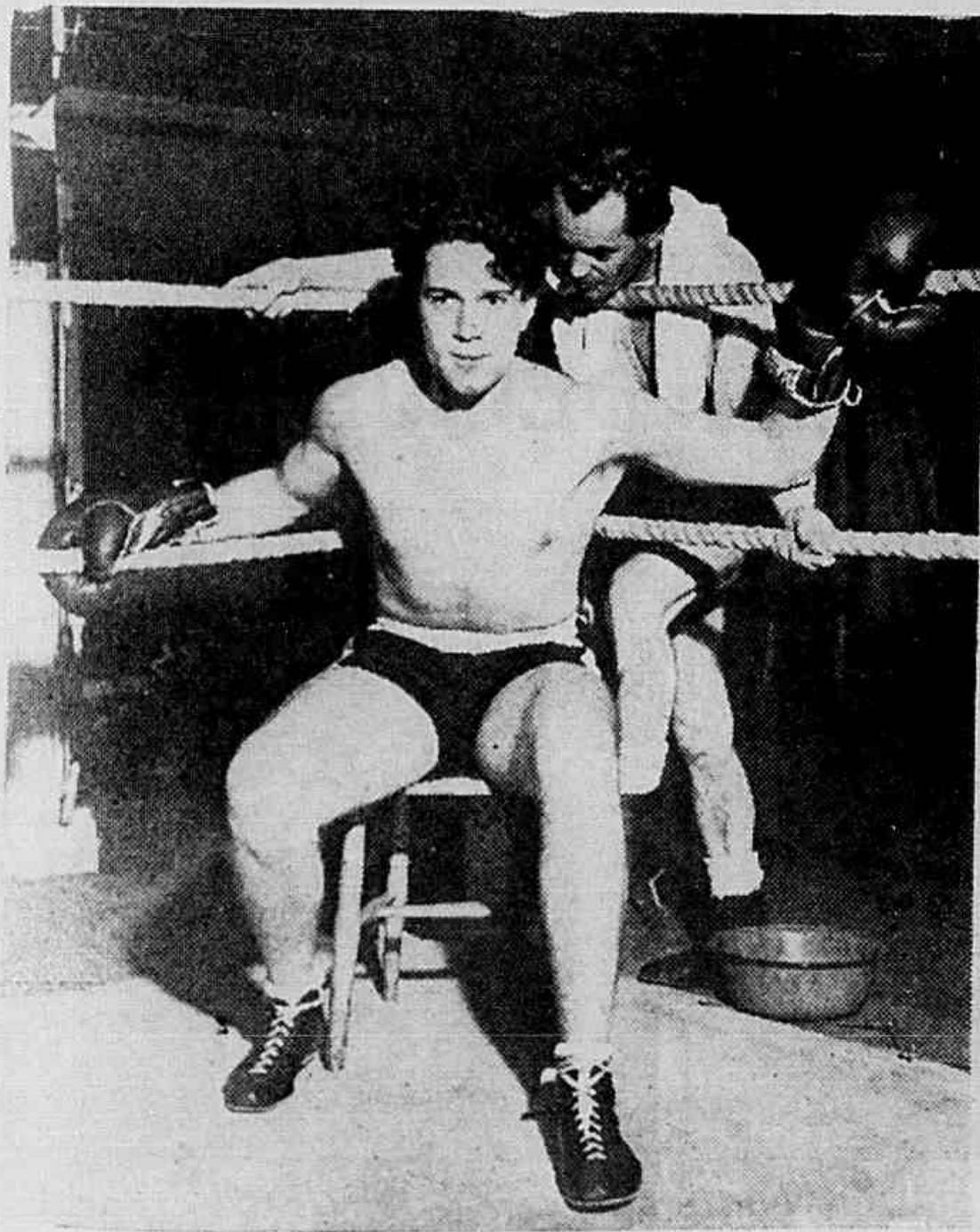


Joel (do Bangu) num dese-  
nho de Sergio Amaury Lus-  
tosa, de Curitiba.



O campeão tricolor Orlando  
visto pelo leitor Paulo de  
Carvalho, de Niterói.

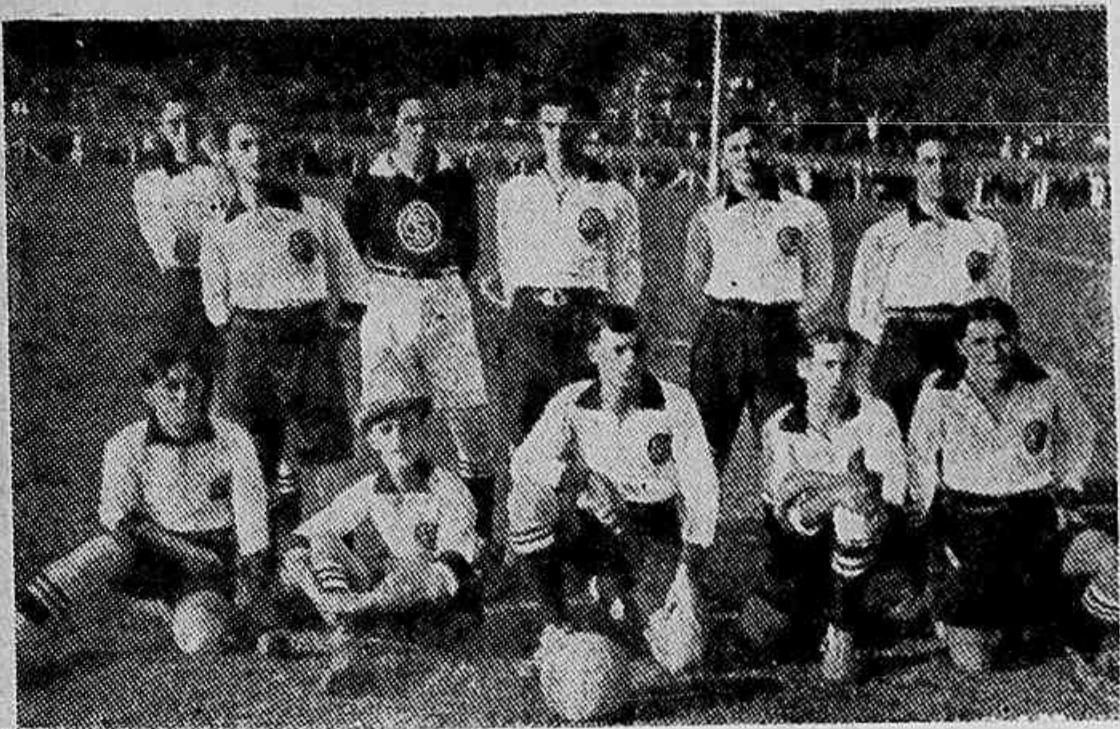
**MARIO SEPETIBA DE CAS-  
TRO** — Blumenau — Santa  
Catarina — 1) — No regimem  
profissionalista o Fluminense  
tem sete titulos de campeão  
(contando o de 1951), a sa-  
ber: 1936, 1937, 1938, 1940, 1941,  
1946 e 1951. O Vasco tem seis,  
a saber: 1934, 1936, 1945, 1947,  
1949 e 1950. O Flamengo tem  
quatro: 1939, 1942, 1943, e 1944.  
2) — O Fluminense foi o pri-  
meiro campeão da cidade, em  
1906; o primeiro bi-campeão em  
1908 e 1909; e o primeiro tri-  
campeão em 1917, 1918 e 1919.



**CONSELHOS DE UM CAMPEÃO** — Dave Crowley, ex-campeão  
de box, que mantém um ginásio especial para artistas, dá al-  
guns conselhos a Kieron, preparando-o para enfrentar o  
"sparring-partner" da escola.



**NAS CORDAS** — Encarando com seriedade sua carreira cine-  
matográfica, Kieron Moore não poupa esforços para manter  
o corpo sadio e ágil. Aqui aparece êle dando ao "sparring-  
partner" sérios motivos para pensar na vida.



*Este quadro do Corinthians de 1917 nos mostra os formidáveis Amílcar, Neco, na sua juventude...*



*O célebre esquadrão mosqueteiro de 1928, onde pontificavam os Grané, Del Debio etc.*

## OS QUADROS CAMPEÕES DO CORINTIANS E SEUS PRINCIPAIS FEITOS

### OLIMPICUS

O MAIOR feito do primeiro quadro campeão do Corinthians (1914-16) foi aquele de não disputar nenhum campeonato, em 1915, e vencer os campeões paulistas daquele ano. Por isso mesmo o Corinthians de 1915 foi tido como um "campeão dos campeões".

Tendo-se iludido com a Apea, esta não lhe deu um lugar na divisão principal. Dest'arte, o alvi-preto ficou à margem. Mas procurou atividade nos jogos amistosos e demonstrou que de fato ninguém seria capaz de vencê-lo.

Assim, de jogos em jogos, o Corinthians liquidou todos. Os prelos-chefes foram com o Palmeiras, campeão invicto da Apea, e o Germania, campeão da Liga Paulista.

Pois bem, contra o Palmeiras, o XI de Néco venceu por 3 a 0, e depois, enfrentando o Germania, sua vitória foi de 4 a 1! Sem dúvida, já em 1915 o Corinthians era "campeão dos campeões"!

Foi formidável o esquadrão de Tatu entre 1922-24, quando se tornou tri-campeão da Apea pela primeira vez e "Campeão do Centenário". Poucos lhe resistiram.

Das mais robustas foram as suas vitórias, uma das quais contra os campeões cariocas, embora perdendo, no Rio, para o "campeão do Centenário" guanabarrino, que antes havia vencido em São Paulo.

Para se ter uma idéia da potência do XI campeão do Centenário, basta que se diga ter sido o clube que mais craques teve no selecionado brasileiro campeão sul-americano de 1922! Jogaram Amílcar, Neco, Tatu e Rodrigues.

## A MAIOR INTERVENÇÃO DE DEQUINHA ...



Nos dias de hoje, Dequinha pode ser considerado já como verdadeiro craque. O Flamengo o descobriu e o trouxe para seus quadros secundários. Dequinha ganhou jogo e tem mostrado que, com mais cancha, poderá perfeitamente vir a ser o dono da posição no futebol brasileiro.



E a despeito de já haver realizado muitas partidas de alto rendimento técnico, ele considera que a sua maior jogada verificou-se quando ainda era aspirante do Flamengo, pouco depois de haver chegado ao Rio e de conseguir impressionar favoravelmente.



O jogo foi com o Vasco, e a jogada desenrolou-se dentro da area, quase junto ao arco rubro-negro. Vasconcelos invadiu a area e, quando ia arrematar com grande chance de gol, Dequinha conseguiu salvar, tirando-lhe a bola por trás, com um rápido toque de pé.



Este é o quadro de 1946, que venceu dezoito partidas e perdeu apenas duas, tendo sido vice-campeão. O quadro de Domingos, Jurandir etc.

Eis aí o onze campeão corintiano de 1951 com Baltazar, Carbone, Luizinho etc. recordistas de gols no campeonato profissional paulista.

Entre todas as primazias do Corinthians durante o reinado do seu esquadrão "mosqueteiro" entre 1928-30, deve ser lembrada em primeiro lugar a temporada internacional invicta que disputou. Goleou todos os quadros estrangeiros que aqui apareceram nas maiores temporadas internacionais que se efetuaram entre nós. Assim, o XI de Grané entre 1929 e 1930 obteve os seguintes resultados nos diversos jogos que efetuou:

- 1929 — Venceu o Barracas, por 3 a 1.
- 1929—Empatou com o Chelsea, por 4 x 4.
- 1929— Venceu o Bologna, por 6 a 1.
- 1930 — Venceu o Tucuman, por 7 a 2.
- 1930 — Venceu o Hakoah, por 5 a 1.
- 1930 — Venceu o Huracan, por 4 a 2.

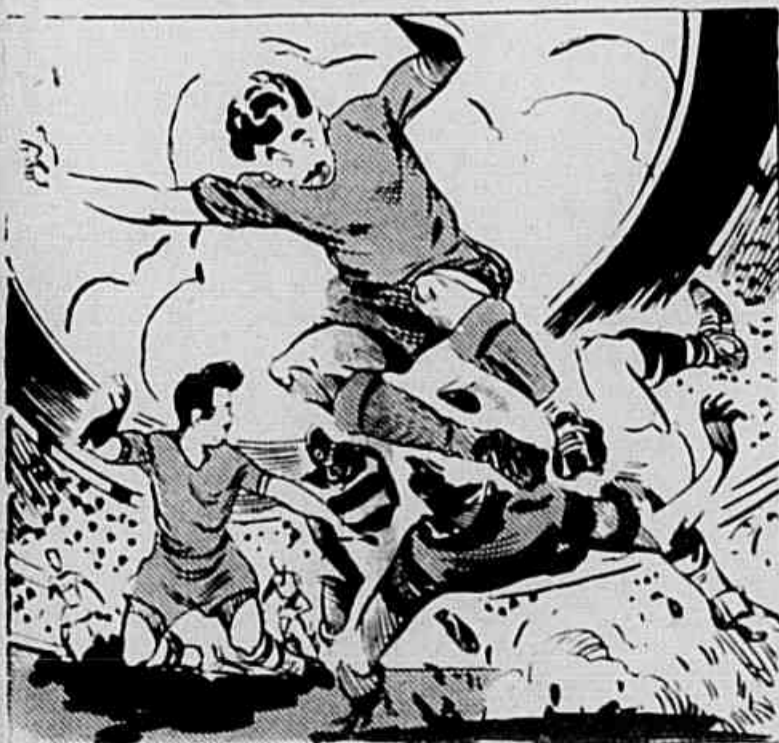
Foi após sua esplêndida vitória sobre o Barracas que batizamos o Corinthians de "esquadrão mosqueteiro".

Em 1930, em jogo da seleção paulista, no Paraná, o Corinthians deu dez elementos.

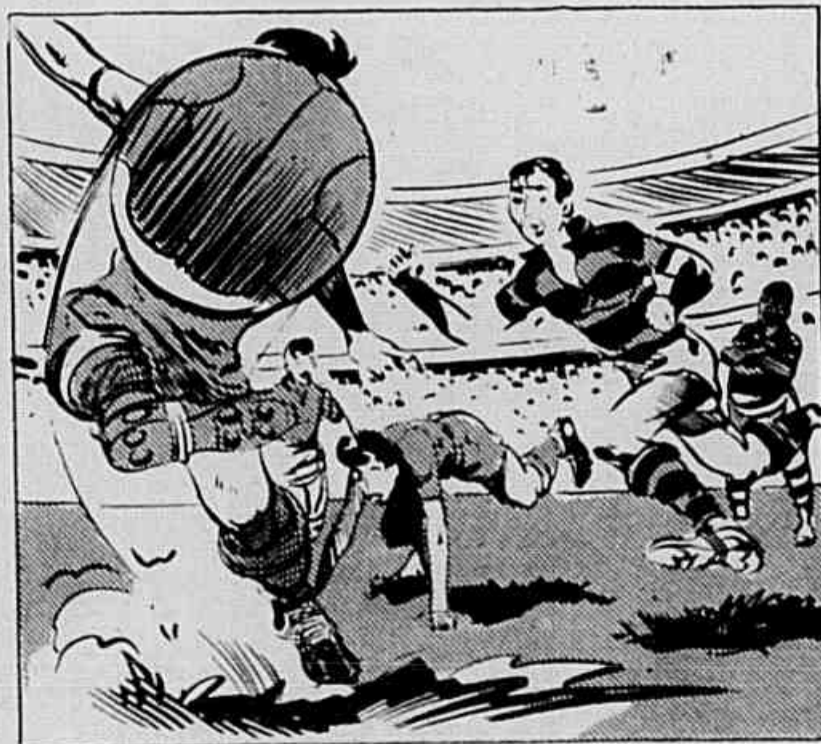
Pela primeira vez no profissionalismo o Corinthians tornou-se campeão em 1937, repetindo o feito em 38 e 39 (e mais tarde em 41). Assim, o XI profissional manteve as tradições do clube que havia sido tri-campeão no puro amadorismo, e tri-campeão já em plena época do falso amadorismo. Como no passado, o alvi-preto tem seus craques representativos, dos de maior projeção, em nossos campos. Brandão substituiu Amilcar na seleção brasileira e na paulista; Teleco tomou o lugar dos maiores "artilheiros"; Servílio substituiu Néco e Dino cultivou bem o estilo de Tatu, Aparício, etc.

Após dez anos de fila pelo título, o Corinthians desta vez acertou em cheio. Vitória completa com o recorde de gols (103). Luizinho foi em 51 o melhor craque do alvi-negro e Carbone o artilheiro, com 30 tentos. O quadro contou 22 jogadores, tendo obtido 24 vitórias, duas derrotas (Palmeiras e Portuguesa), e dois empates. Foi líder de ponta a ponta e bateu todos os recordes de renda e de público nos seus jogos.

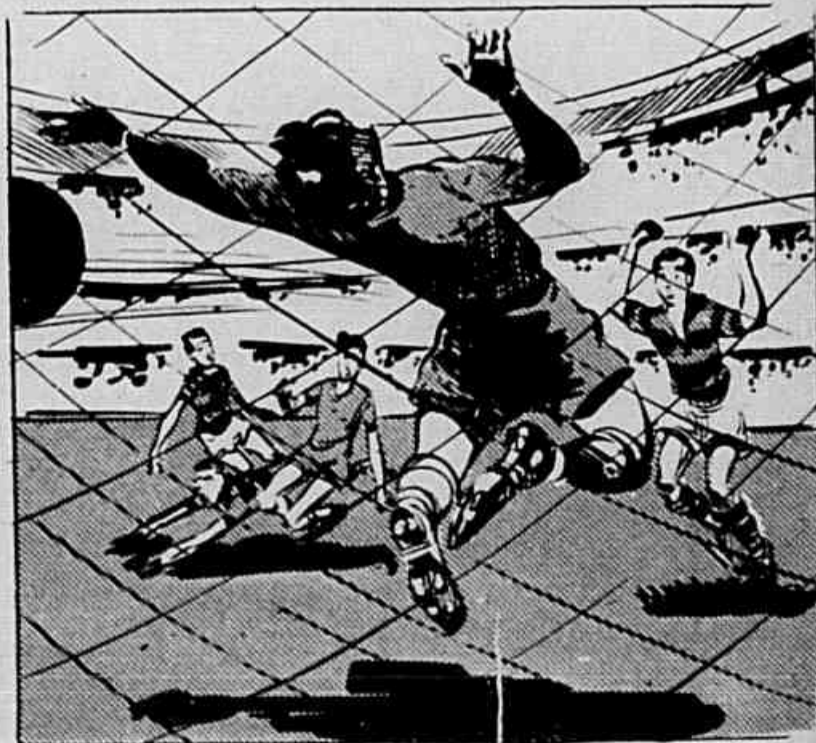
## ... E O SEU MAIOR FRACASSO



Todavia, Dequinha ainda não é um craque completo; menos por lhe faltarem qualidades técnicas do que por falta de cancha. E por isso, de vez em quando, dá suas "pixotadas", deixando margem a que o adversário leve vantagem com ele.



As vezes também acontece que calcule mal uma situação dada, como aconteceu, por exemplo, por ocasião do jogo aqui no Rio com o Independente, faz algum tempo. A partida estava empatada e por culpa de uma intervenção sua o clube argentino conseguiu marcar seu quinto gol.



O lance em apreço foi puramente de falta de cálculo por parte de Dequinha. O meia platino recebeu a bola e disparou rumo ao gol. Dequinha começou a correr em sua perseguição, mas quando chegou a alcançar o atacante ele já havia conseguido desferir o chute que foi ao fundo das redes.

**N**OS bastidores já há os primeiros rumores com respeito à escolha do técnico que orientará as próximas seleções nacionais, que terão a defender no Pan-Americano e na Copa Rio Branco o prestígio do futebol brasileiro. E o nome logo lembrado para uma consulta foi o de Flávio Costa, dono de uma folha de serviços algo longa, na história do nosso futebol nos últimos tempos. Ele tem sido habitualmente o selecionador de todo scratch que se forme para defender o futebol brasileiro, e nessas batalhas tem mantido, para muitos, o bastão de melhor preparador nacional, a despeito dos tropeços que muitas dessas vezes têm impedido que cheguemos ao final dos certames internacionais como vencedores. E por esse detalhe, justamente, há os que são francamente hostis à nova escolha de Flávio, sendo o argumento infalível a derrota da Copa do Mundo. A questão foi demasiado complexa, a despeito do simplismo do score do marcador: o dois a um que deu o campeonato aos uruguaios, mas que não convenceu ninguém com respeito a confrontos qualitativos entre brasileiros e uruguaios. O fato é que muita coisa influiu para aquele epílogo que não estava no programa da festa, inclusive o exagerado otimismo geral. Muita coisa junta para que se possa lançar sobre Flávio a culpa exclusiva do fracasso do ato final de

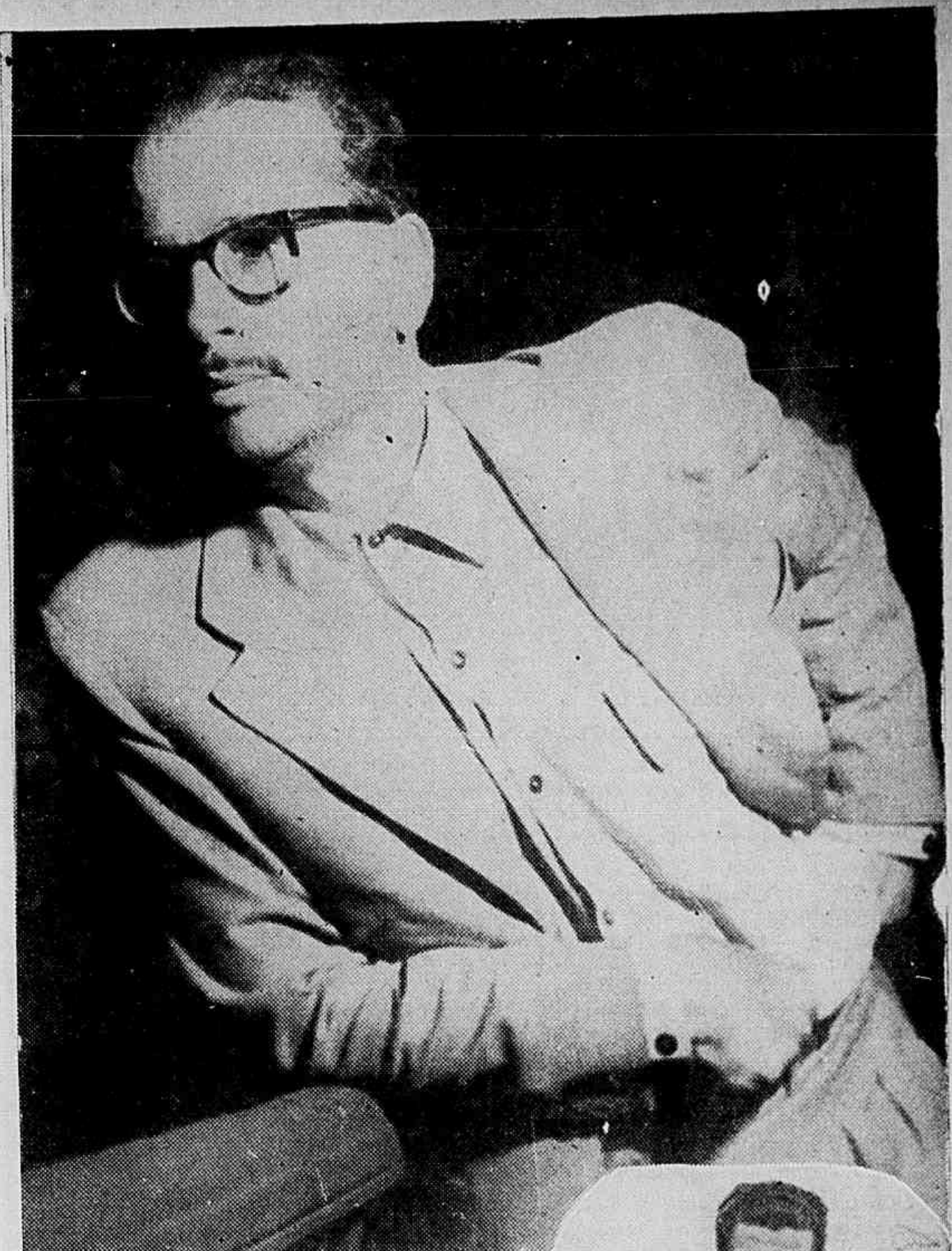
um tão soberbo espetáculo. Talvez tenha sido também o raciocínio dos responsáveis pelo futebol brasileiro, daí a orientação mantida para a orientação dos selecionados. Flávio, a despeito de tudo que se possa dizer contra seus serviços, continua sendo o único homem com capacidade para organizar e aguentar todos os *c o n t r a t e m - p o s* de uma campanha internacional. Assim, sem chegar a ser uma novidade, um novo convite a Flávio Costa enseja observações bastante interessantes em torno da verdadeira colheita de técnicos do futebol carioca.

#### O VAIVÉM DOS PEQUENOS

**A** SEGURANÇA com que Flávio sempre manteve a primazia

como selecionador até hoje não permitiu que se pensasse sequer em outro nome para os encargos do scratch. E assim, além dele, só há mesmo com um conceito firmado definitivamente o uruguaio Ondino Viera. Os demais ficam numa eterna dança de clubes não só cariocas como ainda com viagens esporádicas aos Estados. E nesse intermédio há sempre conquistas passageiras, não suficientes para firmar o conceito definitivo, necessário aos técnicos de envergadura. Esses técnicos que podemos chamar de pequenos, apenas por extensão dos clubes a que servem, e que são os chamados também de pequenos, não conseguem uma estabilidade na carreira, sempre sujeitos aos ambientes flutuantes dos gremios que perdem mais do que ganham. A derrota para o pequeno clube deveria ser encarada como contingência decorrente da própria situação do clube. Mas sempre há clubismo por toda a parte e o técnico quase sempre tem que ter as costas largas. Vemos, porém, um Plácido emprestando um trabalho consciente ao Madureira, sem ver perturbado o seu trabalho. O que se espera dos suburbanos é sempre menos que Plácido afinal consegue, e por isso os tricolores suburbanos não podem deixar de estar satisfeitos com seu técnico. Esse será um exemplo, enquanto o contrário se verificou com Abel Picabéa, que acabou envolvido pela crise que tomou conta do Olaria no final do campeonato passado. Essa é a vida dos técnicos sem cartaz, que dificilmente conseguem subir de categoria. E até um Gentil Cardoso, que já foi campeão, não consegue aprumar-se na carreira.

Délio Neves, Zoulo Rabelo e Plácido



## ZEZÉ MOREIRA, O TERCEIRO DOS GRANDES TÉCNICOS DA CIDADE

### O TERCEIRO HOMEM

**T**ODAVIA, além de Flávio e Ondino, há um outro técnico que parece haver nascido com estrêla. Tem sido bastante combatido, mas a razão disso advem justamente do sucesso que obtém. É Zezé Moreira. Pode-se dizer que de geração novíssima, com dois campeonatos às costas, e um bruto cartaz na temporada passada, às voltas com o Fluminense. O interessante é que o trabalho de Zezé como técnico foi logo coroado de êxito, com o título de quarenta e oito, por si incapaz de consagrar, entremeadado que foi com as espetaculosidades da intervenção de Carlito Rocha. Chegavam até a dizer que Carlito era quem escalava o time o que afinal constitui tremenda injustiça. Mas de qualquer forma só no Fluminense é que Zezé mostrou por inteiro a sua personalidade. Certo ou errado em seu sistema, soube vencer e perder com êle. Impôs-se assim aos jogadores e pôde colher os melhores frutos de seu esforço. Já escaldado com a experiência do Botafogo, aceitou a direção tricolor somente com absoluta liberdade de ação, passando pela prova de fogo na primeira oportunidade. Os céus tricolores chegaram a toldar-se de grossas nuvens, mas a tempestade acabou ficando no tinteiro. Foi a grande vitória de Zezé Moreira como técnico, e se tiver outras oportunidades felizes, estará definitivamente firmado como técnico de mérito, talvez um rival futuro do próprio Flávio, isso conquanto as divergências de tendência sejam um fator importante nessa história. Tanto um como outro tem vitórias e derrotas nas escolas que seguem. A definição pertence aos acontecimentos futuros.

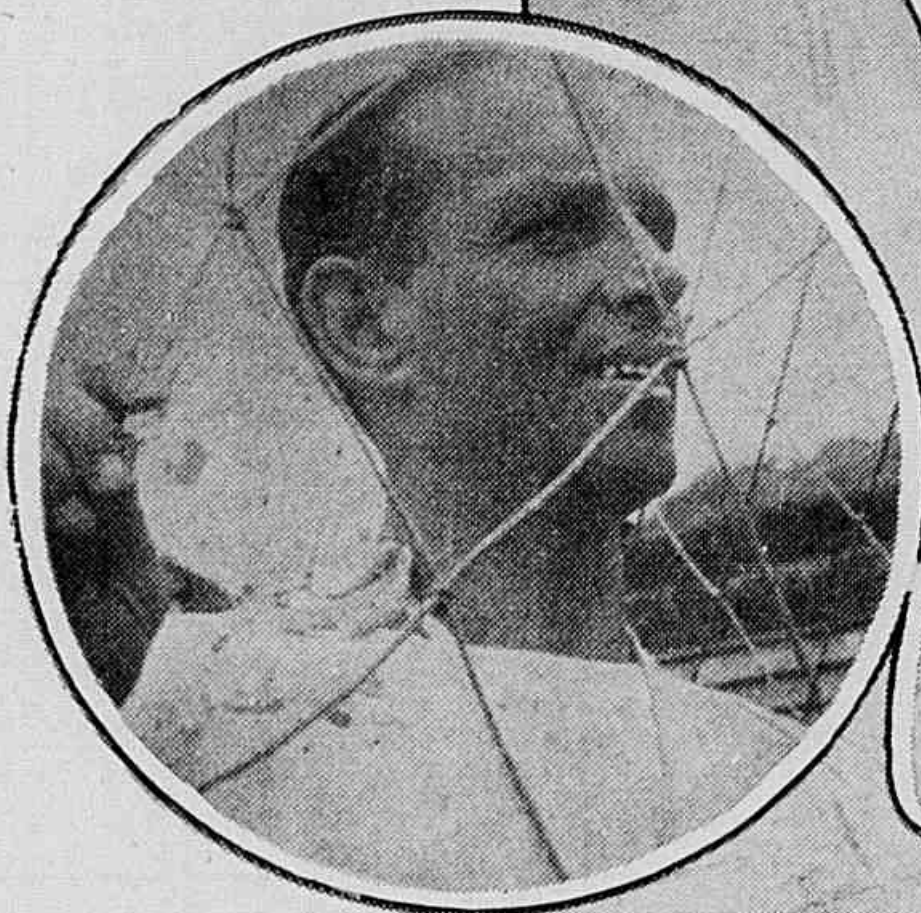
### OS "BROTOS" NÃO MOSTRARAM CLASSE

**V**OLTANDO à colheita, ou por outra, começando a falar propriamente nela, temos que admitir que dois dos mais jovens produtos da safra de técnicos não mostraram classe para decidir suas paradas. Os dois Otos, o Glória e o Vieira, fracassaram nas oportunidades especiais do Vasco e do Fluminense. Ambos alegam, e com razão, uma série de fatores anormais que impediram o sucesso que seria quase a consagração. O fato é que perderam a oportunidade, afundaram-se nos acontecimentos, sem classe para forçar uma solução que técnico com cancha exigiria para qualquer caso. Mas estão aí. Oto Glória com interessados em seu concurso, e Vieira nos projetos do próprio Vasco para resolver a situação dos quadros inferiores de São Januário.

Examinando outro caso, veremos um Carvalho Leite, pouca pinta de técnico, às voltas com o mesmo problema que afligiu Zezé Moreira em quarenta e oito: o das influências estranhas no time do Botafogo. O antigo craque parece não se preocupar muito com isso, talvez integrado fundamente na orientação alvi-negra para o futebol. Tem vencido com seu time e deverá continuar seguindo seu caminho tranquilamente. É que a evidência indica isso para as próximas atividades botafoguenses.

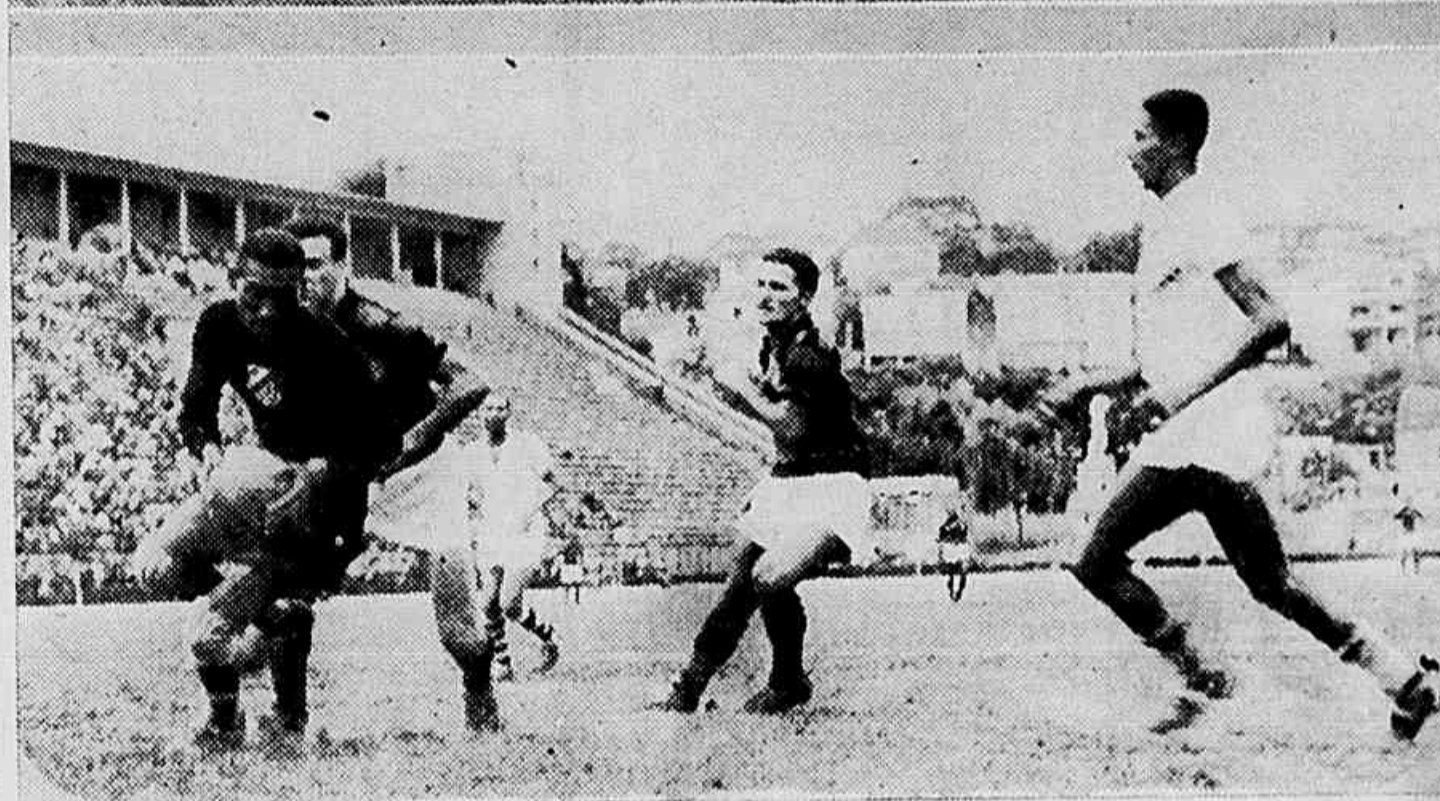
Todavia, o caso mais sensacional em matéria de técnico foi o surgimento de Zoulo Rabello no São Cristóvão. Depois de sagrar-se campeão pelo seu esporte, isto é, pelo voleibol, resolveram os sancristovenses, à cata de um técnico, convidar Zoulo para uma experiência. O fato é que o time alvo entrou a atuar direitinho sob sua orientação e, do dia para a noite, Zoulo Rabello ganhou cartaz de técnico, com entrevistas e tudo. É o mais novo técnico do futebol carioca, e que assim já pode ser chamado porque não pretende ficar na experiência. Zoulo Rabello impressionou-se com sua boa estrêla, ficou entusiasmado com o futebol e pretende ter chance de aparecer mais ainda. Como se vê a colheita de técnicos é animadora, e, talvez matutando nessa oportunidade que o futebol está dando, é que o veterano Juca resolveu voltar às quatro linhas. Já fez a sua experiência, achou que não deu muita sorte — mas, em face de tantos novos que tiveram suas pequenas glórias, Juca animou-se. E foi para o América substituir o simpático Delio Neves, uma das revelações, que, entretanto, no ano passado não teve tanto fulgor em sua estrêla. Delio Neves subiu qual rojão, mas quando resolveu sair do América seus sonhos eram o Vasco e o São Paulo, mas acabou ficando mesmo no Olaria...

Juca, Zezé Moreira, Oto Glória e Oto Vieira



# Inesperadas derrotas do Flamengo e do Palmeiras

**M**AIS uma derrota estão amargando os rubro-negros, e está bastante amarga mesmo, pois que afora o escore contundente — quatro a um — ainda há que contar a falência das esperanças da torcida rubro-negra, contando na certa que o certame interestadual fosse o início de uma era favorável para o seu clube. Infelizmente nada aconteceu e, ou por azar do Flamengo em São Paulo, ou porque os elementos da atual equipe rubro-negra não consiam apesar de todos os esforços ganhar um padrão de conjunto, o fato é que nunca nos últimos e aziaos tempos jogou tão mal o Flamengo F. como se não bastasse o azar do jogo, ainda houve a lamentar o doloroso acidente com Hermes, que, num dos rushes que tentou, encontrou pela frente a canela de Helvio. Um lance comum, simples, mesmo, mas que tinha a assisti-lo a má sorte, e daí as consequências lastimáveis: Hermes afastado do futebol por muito tempo, com rutura dos ligamentos do joelho. Portanto desgraça sobre desgraça, vara desconsolo dos rubro-negros. Falando de futebol, vimos um Flamengo néssimo, o ataque nulo e a defesa totalmente desarticulada. Praticamente, só Garcia, Rubens e Bria cumpriram sem dever — lutaram bravamente para impedir a consumação da verdadeira tragédia. Mas o Santos é um adversário periaoso, tanto como o vimos contra o Botafogo, muito mais jogando no seu ambiente paulistano. E o marcador que no primeiro tempo foi apenas de um a zero, nada mais do que um simples detalhe de jogo, começou depois a tomar formas nítidas, chegando afinal aos quatro a um. Mas àquele gol dos quarenta e quatro minutos, que Nicacio mandou às redes aparando um centro de Tite por cima de Bria, foi logo acrescido no segundo tempo de um tento de 109, cobrando uma penalidade máxima. Mas pouco depois Aloisio, que foi o substituto de Hermes, conquistou um gol viril, dando ensejo a foguetes e esperanças do Flamengo. Quase como a fumaça dos foguetes, dissipou-se a esperança dos rubro-negros, pois Tite fez um gol, de uns trinta metros, que só mesmo vendo é que se acreditou. Daquela distância, ninguém poderia esperar mais do que um passe ou centro, mas Tite, com suas pernas fininhas imitando



Em cima — Dentro das rédes, Nicacio abraça 109 pela conquista do segundo tento, após a cobrança do penalty. Garcia, resignado, vai apanhar a bola.  
Em baixo — Uma carga rubro-negra sobre o arco do Santos. Aloisio e Nestor já estavam no time, mas até o fim nada resolveram

Jair, fulminou dali mesmo. Esse é bem o termo, tal a violência com que a bola foi às redes de Garcia. Eram três a um que não ficariam só nisso, pois nos últimos instantes ainda houve aquele penalty de Pavão, que ensejou a 109 a repetição do gol. Antes o Flamengo ainda havia tentado melhorar, com a substituição de Adãozinho, entrando Nestor. Sentindo um pé, também Dequinha cedeu seu lugar a



Garcia foi, a bem dizer, o único ponto alto da equipe rubro-negra no jogo com o Santos, no Pacaembu. O goleiro, inclusive, praticou, em série, três intervenções magistrais, capazes de eletrizar a torcida. Mas sozinho não pôde valer por uma defesa inteira, e quatro bolas entraram... No cliché, duas intervenções do goleiro do Flamengo.

Sill estava a calhar para que o chamassem de Lua, e ele não é conhecido por outro nome. Fernando Osório de Almeida é um sujeito forte e por isso é conhecido por Peitão. Nelson Mallefont Filho é conhecido por Rosca, enquanto seu companheiro Marco Canetti é o Turco. Há também, parodiando o futebol, o Adãozinho, que é o Leo Rossi. Henrique Sergio Melman é o Musa, enquanto que Edson Peni é o Barriga. Aliás do time campeão o único que tem para as lutas esportivas o seu próprio nome é Lourenço. E em dia de jogo, tal qual no futebol, a escalação do campeão, Guanabara, é a seguinte: Musa, Lua, Barriga, Adãozinho, Peitão, Lourenço e Rosca... E ainda o Carlos Evaristo, que ganhou o apelido de Polaróide.

"BROTOS" E "VELHINHOS"  
DO GUANABARA

ALIAS Polaróide é o mais velho da equipe, e, embora não tenha feito parte da escalação efetiva, jogou quando foi preciso. Ele tem uma idade que faz inveja a muito jogador mais moço, mas que já se considera no fim da carreira, falando, é claro de futebol: trinta e nove anos; e note-se que o artilheiro do time, que é o Lourenço, não pertence à categoria dos "brotinhos", estan-



Musa é um craque do arco aquático



Esses também são campeões.



Leo é um dos pontos fortes do Guanabara.

do já com seus trinta e dois anos. Mas por outro lado, Musa é o mais jovem, não tendo mais do que vinte anos. Em seguida vem Lua com vinte e um, idade que também é a do Rosca. Depois vem Barriga com seus vinte e três, enquanto Peitão e Turco têm cada um vinte e seis. Portanto o quadro campeão é relativamente jovem, sendo que os únicos "velhinhos" são mesmo o veterânissimo Carlos Evaristo (Polaróide) e Lourenço.

Dos atuais campeões cariocas, somente três têm o batismo internacional. Leo Rossi, Fernando Peitão e Barriga, já participaram de pugnans internacionais, integrando o último selecionado brasileiro. Sendo o water-polo um esporte dos mais empolgantes, é de esperar que consiga ressurgir. Atletas não faltarão por certo, pois se já tivemos bons craques, desde que haja uma difusão maior, aumentará a quantidade. O ideal seria uma vitória expressiva num campeonato internacional, para que despertasse o water-polo, há tantos anos dormindo esse sono que não se justifica.



Lua salta na bola, no lance anterior a um gol.

## Velhice e Senilidade

A fraqueza e o esgotamento, tal como a epilepsia e a lepra, constituem um flagelo social. Múltiplas são as suas causas e muitos são os preconceitos que impedem o seu tratamento. Entre as causas da debilidade nervosa, cumpre salientar as mais comuns que são: doenças psíquicas e nervosas, oriundas de traumatismos morais ou desgostos profundos; esgotamento geral por excesso de trabalho físico e mental; deficiências metabólicas e, finalmente, o fenómeno do infantilismo. Todas estas causas provocam violentos distúrbios no sistema glandular endócrino advin-

do daí a fraqueza. Para debelar essa terrível moléstia cumpre, portanto, atacá-la na sua fonte imediata. As Gotas Mendelinas, para ambos os sexos, adotadas nos hospitais e receitadas diariamente por centenas de médicos ilustres, são enérgicas e sem contra-indicação, restauram, como por encanto, todas as manifestações nervosas, fazendo desaparecer a insônia, cansaço, irritabilidade, cacoetes, tristeza, no homem e na mulher, em suas diversas formas. Nas farmácias e drogarias locais. Distribuidores: Araujo Freitas & Cia., rua Conselheiro Saraiva, 41, Rio.

*Complete sua refeição com*

## **MALZBIER da BRAHMA**

Completa... completíssima é a refeição com Malzbier da Brahma. Rica em malte, Malzbier da Brahma tem um grande valor nutritivo. O lanche é sempre mais delicioso... o almoço mais apetece... e o jantar é uma "festa" com Malzbier da Brahma! Levemente adocicada e de baixo teor alcoólico, é considerada por todos a cerveja do lar. Beba-a sempre!

EM GARRAFAS OU 4 GARRAFAS



OUÇA as transmissões esportivas da Rádio Nacional, aos domingos, à tarde. Aos sábados, pela Rádio Mauá, onda longa e R. Nacional em onda curta.

# OSVALDO

ANTES SO EXISTIA O OSVALDO-BALIZA. QUANDO SE FALAVA NO ARQUEIRO OSVALDO TODO MUNDO SABIA QUE ERA O DO BOTAFOGO MAS UM DIA ...



EU SOU O AR-  
QUEIRO OSVALDO!

CADÊ O TELI  
TOPETE?



E' QUE APARECERA UM OUTRO OSVALDO QUE SE POPULARISOU PELO SEU TOPETE ... E O BALIZA PASSOU A DIVIDIR AS HONRAS DO NOME COM OUTRO ARQUEIRO ...

O BALIZA E' UM DOS JOGADORES MAIS CALMOS QUE APARECERAM NO FOOT-BALL

O QUE E' QUE ADIANTA FICAR NERVOSO? SE O FRANGO TIVER QUE ENTRAR ... ENTRA MESMO ..



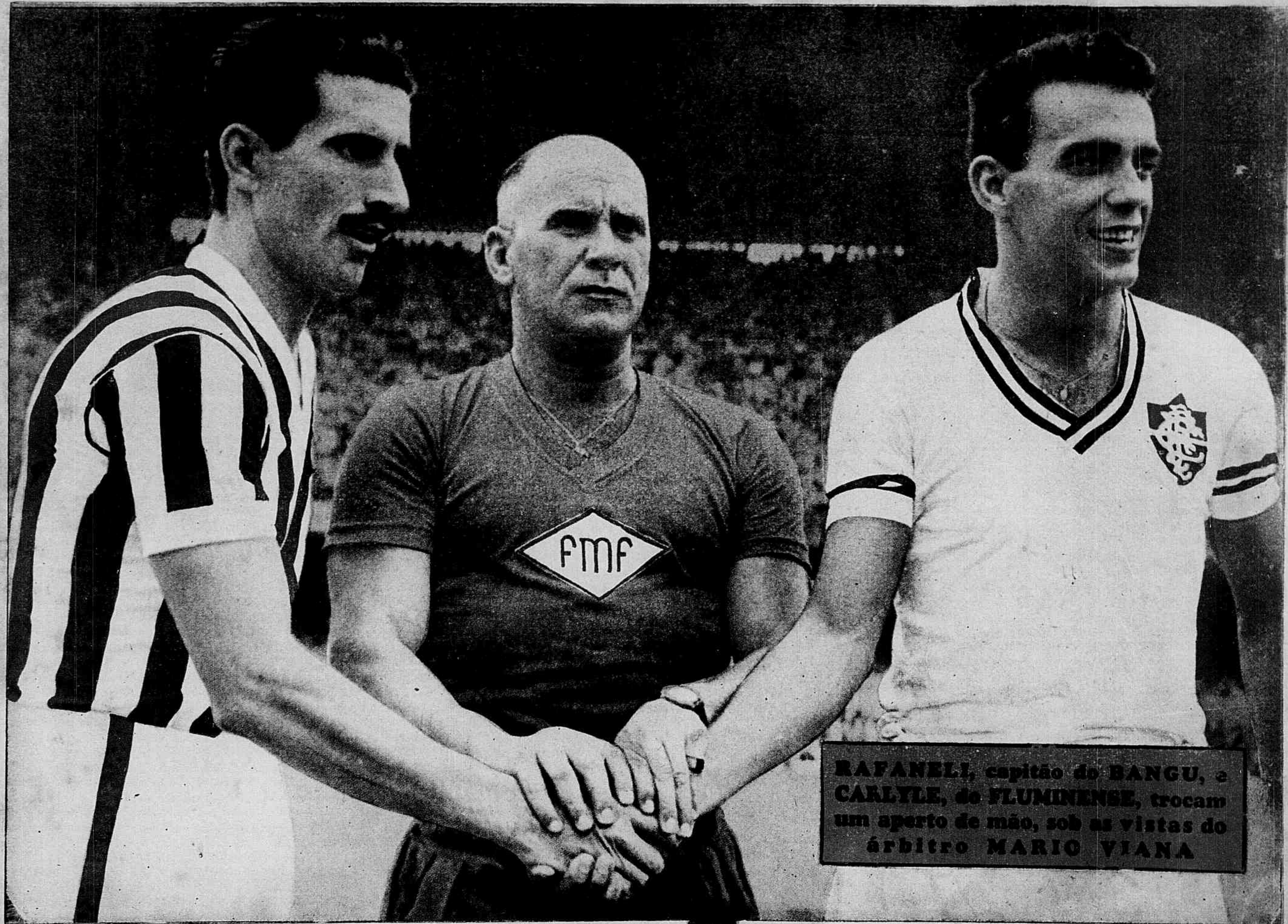
DIZEM QUE O OSVALDO FICOU TÃO CONTENTE QUANDO FOI CONTRATADO PELO BOTAFOGO QUE ..

E O GRANDE DESEJO DO OSVALDO E' SAIR DRIBLANDO TODO MUNDO E MARCAR UM GOAL NO ADVERSARIO

EU ANDAVA PELAS RUAS COM A CAMISA ALVINEGRA ...

E UM GOAL DE CABEÇA!





**RAFANELI**, capitão do **BANGU**, e **CARLYLE**, do **FLUMINENSE**, trocam um aperto de mão, sob as vistas do árbitro **MARIO VIANA**